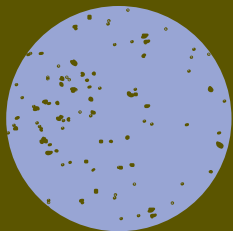


Anaiara Ventura



MULHERES,
PLANTAS E LUTA:
HISTÓRIAS DA FARMACINHA
COMUNITÁRIA FILHAS DA ESPERANÇA

MULHERES, PLANTAS E LUTA:
HISTÓRIAS DA FARMACINHA
COMUNITÁRIA FILHAS DA ESPERANÇA

Escrito por
Anaiara Ventura

Fotografia por
Mirella Rabaioli



FICHA TÉCNICA

Este livro é parte do projeto “Frascos de Memória - Farmacinha Filhas da Esperança”, realizado com recursos da Lei Complementar nº 195/2022 - Lei Paulo Gustavo, através do Ministério da Cultura do Governo Federal e da Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul, contemplado no edital SEDAC/LPG nº 11/2023 - Pesquisa, Registro e Memória.

EQUIPE

Coordenação: Bárbara Righi Cenci

Produção: AMÓ - Lugar de Bem Viver

Pesquisa: Anaiara Ventura, Andressa Soares e

Michele do Caminho

Produção textual: Anaiara Ventura

Acompanhamento, edição e revisão textual:

Michele do Caminho

Fotografia: Mirella Rabaioli

Historiadora: Luana Gabriela da Rocha

Design do livro, design da capa e Diagramação:

Resumagem Traduções Visuais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ventura, Anaiara
Mulheres, plantas e luta : histórias da
farmacinha comunitária Filhas da Esperança /
Anaiara Ventura ; fotografia por Mirella
Rabaioli. -- 1. ed. -- Maquiné, RS :
AMÓ - Bem Viver, 2025.

ISBN 978-65-986930-0-8

1. Feminismo 2. Histórias de vidas
3. Movimentos sociais 4. Patrimônio cultural
5. Sabedoria I. Rabaioli, Mirella. II. Título.

25-265912

CDD-305.4092

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Histórias de vida 305.4092

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Mulheres, Plantas e Luta: Histórias da Farmacinha Comunitária Filhas da Esperança. © 2025 by Anaiara Ventura is licensed under CC BY-NC-SA 4.0



**Atribuição-NãoComercial-Compartilhual
CC BY-NC-SA**

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

 **SUMÁRIO**

Agradecimentos	7
Prefácio	9
Apresentação	12
Introdução	14
1. Tudo está interligado: a origem da Farmacinha Comunitária com a re-existência de mulheres	16
Galeria de fotos	46
2. Mulheres em movimento: das violências pessoais à organização coletiva	58
3. Bruxas a serviço da vida: saúde através da Natureza e da Fé	90
Posfácio	116
Sobre a autora	118
Sobre a fotógrafa	119
Notas e referências	120
Mulheres que fazem parte dessa história	122

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à vida, à força da criação e a possibilidade mágica de ser ínfima parte dessa fascinante dança do universo com todos os seres. Agradecemos ao Espírito que nos une, o ritmo que impulsiona nosso baile pelo mundo.

Somos gratas por todas as bruxas, mulheres sábias e valentes, e todas aquelas que fizeram de suas vidas um caminho rumo à autonomia e à liberdade.

Somos gratas pela oportunidade de exercitar o fazer coletivo na concepção e execução do projeto que resulta nesse livro, tecido por mulheres. Sabedoria esquecida e tão necessária essa do fazer em comum.

Agradecemos às nossas matriarcas, a fundadora da Farmacinha Rafinha Duarte e a bruxa vó Maria Gonçalves, que com sua persistência manteve o sonho de Rafinha vivo em Maquiné por mais de três décadas.

Agradecemos a todas as mulheres que fazem parte dessa história comum, especialmente as que cederam seu tempo e energia para contá-la em entrevistas e formulários.

Agradecemos às plantas, com toda a beleza e cura que manifestam, e a todos os seres que permitem que a vida exista e se perpetue.

Honremos, cuidemos e defendamos toda essa riqueza.



Diz um antigo filósofo francês cujo nome não lembro: “É invisível e silencioso o início dos acontecimentos que importam... Assim como é imperceptível o início dos grandes males da humanidade”.

Isso traduz a história do que acontece em nossa vida e na vida do mundo.

Procurei nas minhas memórias essa raiz, quando me foi sugerido este prefácio.

Em que momento tudo começou? Quando a inspiração começou a tomar forma?

Então lembrei e meu coração celebrou essa lembrança.

Estava, há poucas semanas, morando na Solidão do Maquiné, onde um amigo nos emprestou para ficarmos por cinco anos. O querido agrônomo tão apreciado no Maquiné ainda distrito de Osório: Ronaldo Petzholdi.

A primeira inspiração chegou num sábado.

Havia percebido, desde os primeiros dias, o jeito que plasmava o domingo das mulheres lá naquele interior.

Por tradição católica, elas frequentavam a Missa, celebrada na capela da Comunidade no domingo pela manhã.

Depois desapareciam em suas casas, para caírem na rotina dos demais dias. Preparavam tudo para o marido e os filhos terem um bom almoço.

Maridos e filhos maiores, depois desse almoço, tomavam conta do único salão, permanecendo até a noite jogando e tomando cerveja com os amigos.

Naquele sábado, minha alma feminina descobriu que eu podia convidar minhas irmãs, as mulheres, para



vivermos um domingo fora da rotina.

O convite foi aceito e as primeiras 12 se apresentaram na minha iniciante casinha, onde nos reunimos embaixo de uma árvore.

E ali começou tudo... Uma semente jogada em terra boa que brotou, deu novas sementes que cresceram, floresceram, frutificaram e se transformaram em uma vida mais alegre, com encontros, partilhas, aprendizados.

Porque havia um novo motivo para vibrar, cantar, conversar, rezar, aprender algo que trouxesse mais sentido a uma rotina sem sabor.

E juntas descobrimos que uma das maneiras de vivermos melhor a vida seria cuidando da saúde. Isto de uma forma diferente, nova, que valorizasse a natureza viva que nos rodeava.

E dessa natureza tiramos as primeiras medicinas: o xarope para o inverno, a pomada milagrosa que foi inspirada pelos seios rachados das mães humanas e das vaquinhas. Daí vieram os primeiros chás que se transformaram em tinturas para facilitar o uso das plantas para a comunidade e para a quantidade de pessoas que, durante a semana, chegavam para “consultar”, como diziam.

Logo chegaram as companheiras do MMC (Movimento de Mulheres Camponesas) trazidas na primeira vez pelo amigo querido Padre Josemar Conte.

Essas companheiras nos deram força, nos impulsionando à participação do amado movimento até hoje.

E os grupos foram se multiplicando.

Mas, até hoje, nos grupos que estão se formando, ou se recuperando pela nova formação, fica sempre o mais

importante: a força das mulheres, sedentas de estarem juntas, de partilharem sabedoria e vida, de usarem sua força feminina para continuarem nossa história.

Além dos medicamentos, terapias, receitas naturais, muitas plantas estudadas e transformadas em elixires, pomadas, xaropes e outros, nós sabemos que o essencial é formarmos comunidade, é realizarmos juntas essa missão de cura integral de nossa gente tão enferma num planeta que grita por socorro.

E para as pessoas que se achegam, cheias de esperança, nós sejamos mais que um alívio: sejamos VIDA ABUNDANTE.

Rafinha Duarte, janeiro de 2025

APRESENTAÇÃO

No município de Maquiné, entre a serra e o mar na região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, ao sul do Brasil, existe uma “farmacinha” natural e comunitária, onde mulheres se encontram semanalmente há mais de três décadas para preparar medicinas com plantas e se fortalecer.

Nos denominamos Filhas da Esperança e, para além do trabalho em grupo com as plantas, nos guiamos pelo princípio da saúde integral em práticas de re-existência, cultivando autonomia, agroecologia, bem viver e justiça social.

Este livro foi criado com a intenção de resgatar as histórias da Farmacinha, interligando-as às vivências das mulheres que dela fizeram e fazem parte. Ele compõe o projeto *Frascos de Memória: Farmacinha Filhas da Esperança*, realizado com recursos da Lei Complementar nº 195/2022, Lei Paulo Gustavo, Edital de Pesquisa, Registro e Memória, e executado por mulheres que fazem parte do grupo.

Além do livro, o projeto possibilitou a realização de pesquisa histórica e jornalística, organização de acervo, exposição fotográfica e rodas de leitura. No corpo da pesquisa estão a escuta e a leitura de entrevistas, respostas a formulários, dissertações e artigos acadêmicos, reportagens externas, livros, cartilhas sobre o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e conversas, muitas conversas. As viagens desta pesquisa serviram também para o compartilhamento entre as mulheres que a fizeram, fortalecendo laços de

solidariedade e de afeto.

Para deixar a leitura mais fluida, não informaremos, a cada citação, a data das entrevistas que realizamos em 2024 – pois foram muitas. Sendo assim, considere-se que todas as citações não acompanhadas de data são relativas a entrevistas realizadas em 2024 pelo projeto *Frascos de Memória*.

Após anos em que a bruxa vó Maria manteve a Farmacinha existindo com muita garra, a duras penas, atravessando desafios pessoais, coletivos e até mesmo uma pandemia, os projetos atuais têm sido fundamentais para revigorar essa iniciativa tão bonita – e necessária. Uma nova fase se iniciou, com novo fôlego, e conhecer a fundo a história da Farmacinha nos fez ter a dimensão da beleza e importância dessa trajetória, bem como da força e da coragem de nossas matriarcas.

Como conta Rafinha, a Farmacinha se sustenta sobre três pilares: *grupo, plantas e ternura*. Assim como realizamos o trabalho com as plantas coletivamente com ternura, neste livro foi igual. Esperamos que sua leitura possa despertar ternura e ser semente boa pra cura: dos corpos, das relações, da terra, em toda sua necessidade e abrangência.

Mais do que uma colheita dessa agrofloresta que, com muito trabalho, se expandiu e deu inúmeros frutos, fazemos deste livro semente.

INTRODUÇÃO

Existe uma rede subterrânea da floresta, que conecta as árvores através de suas raízes. É uma simbiose na qual fungos micorrizos se associam às raízes, criando uma rede de filamentos, chamada micélio e que interliga uma árvore à outra. Por meio dela, as árvores trocam nutrientes como carbono, nitrogênio, fósforo e enviam sinais químicos em resposta a estresses, como pragas ou falta de água.

Quando uma árvore é cortada ou danificada, outras árvores próximas podem transferir nutrientes e energia para ajudar a mantê-la viva por mais tempo. Essa ajuda é ainda mais intensa entre árvores da mesma espécie, ou entre as que cresceram juntas. Isso mostra a incrível capacidade de resiliência e cooperação que a natureza desenvolveu.

Esse entendimento, a que chegaram pesquisadores como a ecologista Suzanne Simard em seu livro *A árvore-mãe: Em busca da sabedoria da floresta*¹, desafiou a visão tradicional da ecologia florestal. E, especialmente no contexto das práticas de desmatamento, mostrou que árvores mais velhas (chamadas de *árvores-mãe*) podem transferir nutrientes para árvores jovens, ajudando-as a sobreviver em condições adversas, até mesmo ao corte.

Ao estudar a história da Farmácia Comunitária Filhas da Esperança, percebe-se um sistema semelhante à rede subterrânea da floresta, especialmente na jornada da sua fundadora Rafinha. Ela se conecta às mulheres que adentraram neste caminho de libertação, autoconhecimento e luta por justiça.

Nesse sentido, a história da Farmacinha está interligada a muitas outras, principalmente de mulheres. Elas se conectam como raízes embaixo da terra de uma floresta, raízes que se fortalecem mutuamente ao se entrelaçarem por meio das plantas e de encontros.

Quando uma árvore é cortada, ou uma mulher é simbolicamente mutilada pelo sistema patriarcal, toda a rede de mulheres-árvore e, especialmente, as *árvores-mãe* da nossa Farmacinha (Rafinha e dona Maria), encontram meios de transferir seus nutrientes em forma de ternura e sabedoria àquela mulher, fortalecendo-a no amor e através de ervas, preparos naturais, histórias de (re)existências e de muito afeto. Assim, há mais de três décadas, mulheres no meio rural fortalecem a si e ao seu entorno ao reunirem-se para o serviço comunitário uma vez por semana, ou a cada encontro de formação.

Na rede Farmacinha não há distinção à diversidade sociocultural e geracional para compartilhar sabedoria e ternura. Todas as pessoas que buscarem ajuda devem ser acolhidas, atendidas com equidade e merecem ser amadas.



1. TUDO ESTÁ
INTERLIGADO:
A ORIGEM DA
FARMACINHA
COMUNITÁRIA
COM A RE-
EXISTÊNCIA DE
MULHERES

Em dezembro de 1991, doze mulheres reuniram-se à sombra da Mata Atlântica no Vale da Solidão, em Maquiné. Eram em sua maioria agricultoras familiares, com dupla jornada de trabalho. O encontro foi sugerido pela recente moradora Rafinha Duarte. Ali foi criada a primeira Farmacinha Comunitária, que nasceu como um espaço de reunião de mulheres, e mais tarde incluiria o feitiço de remédios com plantas.

Lurdes Maria Prado Duarte nasceu em Uruguaiana em 28 de setembro de 1945. Aos 13 anos de idade, decidida a ser religiosa, entrou para a Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Horto, e aos 17 anos foi ordenada Irmã Rafaela (homenagem ao arcanjo Rafael, Anjo da Cura). Freira, passou alguns anos trabalhando na enfermagem de hospitais e lecionando em escolas. No final da década de 1970, se aproximou de grupos católicos ligados à Teologia da Libertação, meio em que conheceu Francisco Denzen (padre Chiquinho) e foi incorporada ao trabalho pastoral comunitário, na assistência aos pobres.

Após deixar de ser freira, entre os anos de 1977 e 1978 esteve em Rio Grande, junto com padre Francisco e outra companheira, ao lado das pessoas que estavam sendo “varridas” da parte central da cidade para um areal. “O padre ajudando na construção das casinhas, e elas cuidando da saúde do povo”, contou Rafinha.

Depois seguiram no trabalho de base em Mato Grosso, Goiás e Juazeiro da Bahia. Neste último lugar, com seu amigo padre Francisco, apresentou um programa diário na Rádio Comunitária de Juazeiro, cuja audiência alcançava não só o estado da Bahia, mas também Pernambuco.

Viviam o período de ditadura civil-militar no Brasil e, no programa de rádio, além da reflexão espiritual,

denunciavam as perseguições e opressões que o povo sofria pela Chesf (Companhia Hidrelétrica do São Francisco) e Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba), motivo pelo qual o dono da rádio teve que cancelar o programa. Com isso, o bispo sugeriu que escrevessem um livro. Assim surgiu *As pedras clamarão: os pobres questionam o sistema e a Igreja*², editado em 1980 pela Editora Vozes.

Rafinha então retornou ao Rio Grande do Sul e foi viver em uma favela no município de Gravataí, continuando seu serviço comunitário de assistência às populações oprimidas. Também foi tratar seu primeiro câncer por meio da medicina indígena que era praticada lá.

Um dia bateu à sua porta um homem em busca da coautora do livro *As pedras clamarão*. Eduardo, conhecido como Edi, então passou a frequentar a comunidade nos finais de semana, mostrando-se muito bondoso com as pessoas e, sendo a única pessoa com veículo naquele local, acabou atendendo a diversas necessidades dessa população.

Passados alguns meses de convivência, num domingo de manhã, Rafinha foi chamada para ir ao salão, onde estavam as mulheres do bairro e um pastor: queriam que ela se casasse com Edi, com a justificativa de que ambos eram bons para elas e que, por isso, deveriam se unir.

“Rafinha, a gente não quer que ele vá embora, tu é nossa mãe e ele nosso pai, fiquem os dois aqui com a gente”, disseram. “Aquele povo me emocionou tanto que quando eu vi estava dentro da história”, lembra Rafinha, que mesmo não tendo nenhum relacionamento com o sujeito, deixou-se persuadir.

“Fizeram um bolo de farinha e Ki-suco e chamaram a

gente. O pastor já estava lá. Me disseram: ‘Rafinha sinto muito, nós todos somos testemunhas, mas vocês vão casar’. Pensei: uma pessoa boa destas, vai ser bom para todos, vamos lá. Eu não sabia, mas entrei numa fria...”, relatou ela.

Depois se estabeleceram em Novo Hamburgo, onde se desencadeou uma esquizofrenia severa em seu marido, o que levou Rafinha a buscar alternativas para uma vida mais tranquila que o ajudasse a melhorar. Ficou sabendo de Maquiné, um lugar onde chovia bastante e seria bom para plantar.

Rafinha conseguiu um pedaço de terra na Linha Solidão, emprestada por cinco anos. Mudaram-se dia 09 de junho de 1991. Seis meses depois, “tudo começou”, conforme contou Rafinha em diversas ocasiões, em referência à história da Farmacinha.

“No primeiro dia que eu estava lavando roupa no riacho, apareceu uma senhora com uma vaca: dona Mariquinha. Uma velhinha com uma vaca. ‘A senhora é a pessoa nova que tá aqui?’, me perguntou. Sentou-se num tronco. A única coisa que eu tinha da minha vida passada, só um aparelho de pressão. Só, mais nada. Eu estava querendo recomeçar, estava pedindo a Deus uma luz. ‘Que que eu faço da minha vida, alguma coisa que valha a pena, né’, aí essa senhora disse: ‘eu tô mal, eu fui para Maquiné a pé pra poder tirar minha pressão’, no posto que tinha. Atravessava o rio, no calor, no frio, uma vez por semana ela fazia essa caminhada. Eu não sabia de nada e disse ‘pobrezinha’. Naquela hora me veio a ideia: ou eu faço de conta que ela não tá ali, porque eu queria um ano de pausa pra meditar, refazer minha vida toda, ou eu vou lá na minha mochila e pego o aparelho de

pressão, porque era a única coisa que eu tinha. E eu fiz, fui lá. Aí começou tudo, tudo, tudo! Em seguida ela veio toda semana e trouxe mais gente”, rememora.

Rafinha então se deu conta de que as pessoas ali, especialmente as mulheres, viviam isoladas e muito solitárias. Por isso, o grupo escolheu se chamar “Mulheres Unidas na Solidão”, resultado do jogo de palavras entre o nome da localidade e a solidão na qual viviam essas mulheres.



“Mulheres unidas na solidão” em sua 8ª reunião na casa da companheira Alvamira - 30/agosto/1992. Foto do acervo da Farmacinha

“Nosso grupo nasceu na luta. Iniciou sem apoio de ninguém, a não ser pelo da Providência e das próprias mulheres. Naqueles dias só queríamos nos reunir; só os homens se reuniam no bar para beber, no campo de futebol e no salão, para jogar. As mulheres só iam à igreja,

na missa, nos dias de festa da Padroeira, no almoço e no baile”, conta Rafinha no manual das *Bruxinhas de Deus: à Serviço da Vida*³, que publicou em 2002.

“Ela [Rafinha] era uma entusiasta e muito sonhadora. Seu maior objetivo era transformar a vida das mulheres daquela comunidade. Mulheres sofridas, dependentes ao extremo dos maridos, adoentadas e sem a devida assistência médica”, descreveu Andreia Simoni Boff. Ela, junto com sua mãe, Luísa, participou ativamente na primeira década de existência da Farmacinha.

Em janeiro de 1992, em uma reunião quando eram ainda as 12 mulheres, Rafinha conhece Maria Teresa Gonçalves. Ela chegou e ficou em pé perto da porta, de cabeça baixa, os pés virados para dentro, pediu licença para entrar; um filho em cada mão, uma menina e um menino. Rafinha pergunta seu nome e ela responde muito envergonhada: “Maria Teresa”. Ao final do encontro, ela pediu: “por favor Rafinha, não fale comigo em público porque eu fico com muita vergonha”.

A partir de então, Maria começou a ir todas as quartas-feiras com as crianças. Segundo Rafinha, ela trabalhava em silêncio, perguntando só o que devia fazer. Alguns encontros depois, chegou com um caderninho, um lápis e uma borracha e pediu à Rafinha para lhe ensinar a ler e escrever, durante 10 minutos, a cada quarta-feira. Dois meses depois, avisou que já podia continuar sozinha, e que Rafinha não precisava mais se preocupar com ela.

“Eu não fui em escola. Estive uns meses no Mobral [Movimento Brasileiro de Alfabetização, política pública criada durante a ditadura no Brasil, entre 1967 e 1985, com o objetivo de erradicar o analfabetismo]. Eu tinha mais de vinte anos quando fui no colégio de noite, e foi



De blusa listrada, Maria Teresa Gonçalves (dona Maria) e companheiras num dia de trabalho na primeira Farmacinha, um espaço junto à casa de Rafinha - outubro de 1992. Foto do acervo da Farmacinha

só também. Em criança eu não fui no colégio, porque não podia sair sozinha. Eu pedia pro pai, implorava pro pai e a mãe pra eu sair com a vó. A gente não saía de dentro de casa, não podia sair nós menina, mocinha”, explicou Maria.

Lisiani Gonçalves da Rosa, filha de dona Maria, era uma das crianças que estava junto quando sua mãe se reuniu pela primeira vez com Rafinha e as demais mulheres, em 28 de janeiro de 1992, dia de seu aniversário de sete anos. Durante sua infância e adolescência, iam quase todas as quartas-feiras. Ela gostava porque havia outras crianças e juntas tomavam banho de rio (que era próximo), jogavam bola, brincavam com os brinquedos doados à casa, ouviam os discos da Xuxa. “Era uma

alegria pra gente”, lembrou Lisiani. Também ajudavam e aprendiam.

“A gente gostava muito de ir pelo fato de sair de casa, fazer algo diferente e pelo jeito que a gente era recebido pela Rafinha. Em casa, a gente não tinha o carinho entre pai e mãe, ou entre irmãos, de chegar e se abraçar. Com a Rafinha sim, ela nos recebia sempre com um abraço, era bem importante pra nós chegar e receber o abraço, o carinho e a alegria dela”, contou Lisiani.

Ao concluir o Ensino Médio, decidiu ir viver com Rafinha na Fraternidade Sementes da Esperança. “O pai e a mãe contam que saí um dia e não disse para onde ia. Ele foi atrás de mim e eu estava lá, disse que ia ficar lá. A partir do momento que a Rafinha foi morar lá, e todo aquele sonho que ela tinha, eu achava bonito, eu queria participar. Depois que eu terminei a escola pensei ‘ah, agora eu posso ir’, aí fui fazer uma experiência. Foi diferente, passou muita gente por lá, e eu sempre fui muito tímida, ficava mais na minha. Mas foi bem interessante pro meu crescimento, estar lá, conhecer pessoas, viver em comunidade, o que não é tão fácil assim. O sonho é bonito, mas na prática nem sempre funciona”, rememorou Lisiani.

A Farmacinha, a relação com Rafinha e o movimento de mulheres impulsionaram uma grande transformação na vida não só de Lisiani, mas também de sua mãe. “A Maria deu uma crescida enorme naquela época, porque quando eu conheci a Maria, foi incrível. Ela era um ser tão submisso – encolhida, olhando pra baixo, caminhando com os pés voltados para dentro, significando submissão total, chamava o marido de ‘senhor’ – e ela começou a acordar, a se dar conta, tanto que depois assumiu esse

trabalho. Com a humildade dela, mas assumiu”, enfatizou Rafinha em entrevista de 2021.

Dona Maria conta que, até conhecer Rafinha, não tinha essa relação com as plantas. E em 2004, quando Rafinha foi embora de Maquiné, foi ela quem assumiu os preparos fitoterápicos e atendimentos nas quartas-feiras – e segue fazendo até os dias de hoje. Nem sempre esteve acompanhada de outras pessoas. Mesmo quando ninguém mais podia ir, Maria sempre esteve lá. Nesses 32 anos, dona Maria ausentou-se durante alguns meses, para recuperar-se de uma cirurgia de varizes, e outra vez, em que cuidou do marido quando sofreu um acidente.

Foi em 1992 que o grupo preparou sua primeira medicina caseira: um xarope com a fruta do gravatá (*Bromelia antiacantha*), a “bananinha do mato”. Na ocasião, cada mulher levou uma prova para casa. Na semana seguinte, compartilharam a boa repercussão que teve e, a partir de então, continuaram a estudar as ervas e a resgatar conhecimentos ancestrais e populares de seus usos, sempre com orientação dos estudos de Rafinha, que por sua vez era motivada por seu grande amigo frei Homero (Faustino Bordignon, homeopata e fitoterapeuta).

Em grupo, as mulheres passaram a fazer as tinturas, depois começaram os elixires. O povo, que não tinha muito acesso à saúde pública naquela época, começou a aparecer para “consultar” e buscar os “remédios” caseiros. A Farmacinha passou a atender muita gente vinda de toda a parte, e o número de mulheres no grupo aumentou: de 12, no início, para 35.

Margarida Alves também faz parte da história da Farmacinha, participando ativamente desde seu início. Moradora da Solidão, era “samambaieira”, como são chamadas as pessoas que trabalham colhendo samambaia preta na região.

“Por 23 anos tirei samambaia no morro: tirava, amarrava e entregava – e fiquei ruim da coluna, com hérnia de disco. Foi aí que Rafinha me levou para consultar e fazer a cirurgia. Estava há 22 dias na cama, não levantava. Ela veio e me levou”, lembrou Margarida em entrevista de fevereiro de 2021.



Margarida Alves vivia da coleta de samambaias, trabalho tradicional muito comum na região naquela época. Da esquerda para a direita: Ana filha de Margarida, Lisiani, Maria, Margarida e Rafinha - 2002.

Foto do acervo da Farmacinha

“Gostava do encontro, e já que ia no encontro, tinha o serviço. Tinha reuniões e faziam missas também. Agora dei uma parada, para trabalhar, tenho minha mãe para cuidar. Não fui mais, não porque não gosto. Vinha muita gente de fora para participar. Até uma professora, ela queria me dar aula, porque sou analfabeta. Fiquei muito feliz de aprender a fazer as pomadas, os xaropes. Faço o xarope em casa, mas a pomada não, porque tem a receita e eu não sei ler”, contou Margarida.

A sede da Farmacinha em Maquiné mudou algumas vezes de endereço, mas sempre esteve no Vale da Solidão. As primeiras reuniões do grupo *Mulheres Unidas na Solidão* aconteceram ao ar livre; depois passaram a se encontrar em uma peça de dois metros quadrados junto à casa em que Rafinha morava.



Companheiras pintando a fachada da 2ª sede da Farmacinha “Nossa Casa” – setembro de 1993. Foto do acervo da Farmacinha

Em 1993, 23 famílias fizeram um mutirão e construíram uma casa comunitária, sendo que num dos cantos foi feita a sede da Farmacinha.

“Na Casa de Mulheres da Solidão fazíamos atividades diversas: reuniões de mulheres, reuniões com as famílias, reuniões de conscientização sobre a agricultura ecológica com agricultores. Eu era representante da Pastoral da Criança e, na casa, fazia a pesagem das crianças e a orientação às mães quanto à amamentação e cuidados com seus filhos. Tudo supervisionado pela Rafinha, que era a nossa orientadora”, relatou Andreia Boff.



Na casa das mulheres unidas na solidão eram realizadas diversas outras atividades, como reuniões de conscientização ecológica e acompanhamento feito pela representante da pastoral da criança – 1996. Foto do acervo da Farmacinha

Em 1995, Rafinha se separa do marido e se muda para os fundos do vale, mais adentro da Mata Atlântica. Com a ajuda de amigas e amigos, constrói uma casa com um espaço para a sede da Farmacinha. Ela sonhava com a criação de um Centro de Saúde Integral, o que deu origem à Fraternidade Sementes da Esperança, oferecendo aconselhamento espiritual e atendimento aos problemas de saúde das pessoas.



Encontro na fraternidade Sementes da Esperança – 1997. Foto do acervo do Território Junana

Nessa época, Maquiné recebeu atenção de grupos ligados a questões ambientais e foi reconhecida como região estratégica para as políticas de conservação da Mata Atlântica no estado. Juntando a isso o trabalho que vinha sendo realizado com as plantas medicinais e na Fraternidade, e a capacidade de articulação de

grupos da Rafinha, muitas pessoas de fora chegaram – principalmente estudantes, pesquisadoras, biólogas, botânicas, antropólogas e ecologistas.

Uma delas foi Rumi Regina Kubo, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e sócia-fundadora da Ação Nascente Maquiné (ANAMA). De acordo com Rumi, Rafinha ajudou na estruturação inicial dessa associação, que viria a se consolidar e ter papel destacado em estudos e ações ambientais na região. “Ela tem essa perspectiva de pensar e trazer um suporte aos grupos”, contou a professora, destacando a importância de Rafinha como referência para a ANAMA e sua contribuição para a constituição de sua identidade coletiva.

No ano de 1998, a Farmacinha recebeu seu segundo nome, *Farmácia Caseira Comunitária Companheira Iraci*, em homenagem a uma das participantes. “Entre as companheiras corajosas, uma delas que já partiu: Iraci Boff, foi motor vivo, vibrante e realista do nosso grupo. Seu espírito franco, fraterno, contrastava com a estreita visão de mundo dos demais habitantes do lugar. Por ser tão verdadeira, ela era rejeitada na comunidade, mas como era bom ser sua amiga! Como ela deu força ao nosso grupo, como ela foi companheira de verdade! Sempre ficava do lado dos menores, dos mais fracos”, relatou Rafinha no seu manual.



Companheiras fazem mutirão para roçar o lugar do Herbário. Iraci Boff está ao lado de Rafinha, sendo a 2ª da esquerda para a direita, acima - fevereiro de 1993. Foto do acervo da Farmacinha

Em 1999 a sede da Farmacinha é transferida para o local onde está hoje. As famílias fizeram um mutirão para desmanchar a construção de madeira e levar para um terreno doado por uma família da comunidade. Três anos depois, o grupo escolheu seu terceiro nome: *Filhas da Esperança*, que continua até os dias atuais.

Nos anos seguintes, em consequência de hipertireoidismo e das constantes ameaças de alguns homens da comunidade, Rafinha vende as terras da Fraternidade e vai para Viamão cuidar da sua saúde. Com o dinheiro da venda, reforma a casa que é a atual sede da Farmacinha – com espaço separado para o Laboratório “Cheiro da Mata”, com o qual dona Maria e Lisiani pudessem gerar renda, produzindo xampu, sabonete natural, tintura de própolis e outros produtos.



Grupo escolhe outro nome: Farmacinha Comunitária Filhas da Esperança - e ganha nova sede, onde permanece até hoje. Varanda – 2000.
Foto do acervo da Farmacinha

Os fitoterápicos da Farmacinha são vendidos a valores comunitários, sem fins lucrativos, apenas para garantir a continuidade da iniciativa. Por isso foi criada essa divisão entre Farmacinha e Laboratório. Com outra parte do valor da venda do terreno, Rafinha construiu uma casinha para Lisiani ao lado da Farmacinha, na qual ela viveu até 2018.

Mesmo após sua saída, Rafinha continuou visitando a comunidade e a Farmacinha, ministrando formações em grupo sobre Saúde Integral e Reiki, assim como em outros municípios do Rio Grande do Sul. Em 2013, junto com amigos, criou a Associação Cuidado Divino (CUIDI), no distrito de Morungava, em Gravataí. Local de atendimentos voluntários em tratamentos holísticos e consultas de saúde integral e à base de plantas, o terreno

do CUIDI foi doado à Rafinha pelo Assentamento dos Trabalhadores Sem Terra de Eldorado do Sul.

“Foi uma grande surpresa, porque sempre quis ter um espaço onde se pudesse ter um laboratório modelo, fazer um grupo bem estudado e preparado, e que fosse aberto para o povo. Esse sonho estava escondido em mim e, quando me deram de presente, eles me deram para eu morar e plantar bastante, pois não tinha onde morar. Só que o sonho era maior, era ter um espaço modelo para os outros grupos, no sentido de atender as pessoas, ter as plantas, foi a resposta para um sonho”, declarou Rafinha.

Outra importante personagem dessa história é Vilma Rodrigues. Ela chegou na Farmacinha em 2005, quando se mudou para o Vale da Solidão. Herdou da mãe e da avó o gosto e a preferência pelas ervas e chás, e se tornou uma fonte das plantas usadas nas tinturas e elixires da Farmacinha na época.

“Nas quartas-feiras de manhã eu ia para o mato catar ervas, enchia um sacolão de ervas. Depois do meio-dia eu levava para a Farmacinha, trabalhava lá e voltava para a casa à noite”, lembra dona Vilma.

Logo começou a fazer mudas de espécies nativas da Mata Atlântica e construiu um viveiro. “Assim que vim comecei a fazer mudas por minha conta. Ia no mato e catava as sementes; as plantas que eu não sabia o nome, perguntava aos meus vizinhos mais velhos e eles me orientavam, e assim fui levando”, comentou dona Vilma, que chegou a reunir mais de cem mudas, a maior parte nativas.

Hoje em dia ela não dá mais conta dessa atividade e desmontou o viveiro, mas lembra com carinho das

parcerias que fez por conta desse trabalho, com o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) do município de Três Cachoeiras, com a UFRGS e com a ANAMA.

Sua casa (e viveiro) era lugar de acampamentos de estudantes universitários, e assim dona Vilma atuava como “ponte” entre essas pessoas e a Farmacinha, indicando-a como modelo de trabalho coletivo de mulheres com plantas medicinais, como conta a espanhola Adriana Samper Erice em sua pesquisa ⁴.

Adriana foi uma dessas estudantes que chegou por intermédio de Vilma e, junto com um grupo de jovens anarquistas, fundou a Comuna de Baçara nas terras que Rafinha vendeu ao ir embora de Maquiné, no final da Solidão. Fizeram uma vaquinha com contribuições a fundo perdido: ou seja, quem resolvesse ir embora não veria esse dinheiro novamente.

Assim coletivizou-se esse território em 2012, como já havia sonhado Rafinha em sua Fraternidade Sementes da Esperança. Mais tarde, a Comuna de Baçara se dissolveu e o local retornou ao povo Guarani Mbya (originário dessa região), mais precisamente a família de Julia Gimenes, e também abarcou o Território Junana.

Por habitar a Comuna de Baçara e ser amiga de Vilma, assim como Adriana, Nadine Brum da Rosa conheceu a Farmacinha. Foi o trabalho com as plantas medicinais que chamou a atenção de Nadine na época, e somente com as visitas seguintes é que compreendeu que se tratava de um projeto de fortalecimento das mulheres que vivem no meio rural.

“Lembro com um carinho muito forte essas tardes, sinto até o cheiro que a Farmacinha tinha, porque foi

muito importante pra mim, principalmente quando ficava vários meses sozinha em Baçara, ou sem presença feminina”, relembrou Nadine.



Nadine compreende que a Farmacinha é lugar de fortalecimento de mulheres do meio rural. Nadine, sentada no colo de Rafinha, seguida por Margarida e Maria. Dia de trabalho, hora do desfrute – 2017.

Foto do acervo de Nadine Brum

Desde o início da sua história, além dos encontros semanais para preparos e atendimentos, a Farmacinha também reunia as pessoas uma vez ao mês, ocasiões nas quais, segundo Rafinha conta no *Manual das Bruxinhas*, era momento de refletir, rezar, planejar e festejar os aniversários do período.

Além disso, havia as festas de Terno de Reis, realizadas no dia 6 de janeiro de cada ano, que reuniam grande número de pessoas da comunidade e de fora. Seu Renato,

A Farmacinha foi criada na realidade da colônia rural perto da floresta, com propósito inicial de que as mulheres camponesas não continuassem tão solitárias e vulneráveis quanto viviam.

Com o passar do tempo, ao interligar-se no *fazer-ajudar-existir* destas mulheres, o crescimento da Farmacinha aconteceu também de outra forma: com a chegada das novas participantes e de parcerias, como a realizada com a coordenação regional do MMC, que até 2006 era Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR).

Dessas mulheres, muitas vieram e vêm de fora para Maquiné, e foram atraídas para A Farmacinha pela experiência com as plantas medicinais – algumas por meio da Fraternidade Sementes da Esperança, depois por Baçara e Junana, outras indicadas por dona Vilma. Muitas atenderam ao chamado de Maria (pessoa simples e amorosa, apesar da rusticidade no trato), foram convidadas por outras frequentadoras, ou chegaram à Farmacinha pelo simples ato de ligar para o número de telefone escrito nos frascos.

Mulheres oriundas de lugares e culturas distintas, como dona Julia Gimenes, liderança Mbya Guarani da Tekoa Guyra Nhendu (aldeia Som dos Pássaros), localizada na terra em que no passado Rafinha viveu e criou a Fraternidade.

Dona Julia morou por mais de quarenta anos na sua aldeia de origem, Tekoa Yvyty Porã (aldeia Serra Bonita), na divisa de Riozinho com Maquiné, por muitos anos denominada “Campo Molhado”. Em 2011, ela e sua família estavam vivendo num antigo acampamento indígena à beira da rodovia RS 484, próximo às lavouras agrícolas

em que seus filhos mais velhos trabalhavam. Dona Julia então conversou com a diretora da escola municipal da Solidão, Marta Teresa Trevizan Schmidt, para que seus filhos menores pudessem estudar. “Será que criança não pode estudar?” E daí veio criança estudar na Solidão”, contou dona Julia.

Ao saber que os alunos moravam na beira da estrada, dona Marta conversou com um agricultor da comunidade, senhor Jurandir. No outro dia ele foi ao acampamento e perguntou: “quem é dona Julia?” – e, como ela relata, “cedeu um cantinho pra nós plantar aipim, ao lado da Farmacinha, onde ficamos por 7 anos.”

Em um encontro com dona Maria na “cidade” (no centro do município), Julia lembra que soube da existência da Farmacinha e, ao ser convidada, passou a participar todas as tardes de quarta-feira, acompanhada das suas crianças. “Ajudava na preparação das ervas, a fazer sabão e na cozinha”, rememora.

A presença dela é sempre estimada pelas mulheres que participaram na mesma época. “Neste tempo, dona Julia morava ao lado da Farmacinha, chegava por uma trilha. Quando ouvia uns barulhinhos no mato, sabia que estavam vindo as crianças e a dona Julia em seguida”, lembra Nadine.

Em uma ocasião, dona Julia estava varrendo a varanda da Farmacinha e viu uma mulher chegando correndo, que lhe deu um abraço forte. Era Rafinha. Estavam, finalmente, conhecendo-se pessoalmente. “Rafinha disse onde começou fazer: com indígena no Mato Grosso. ‘Muito importante, tem que continuar’”, conta dona Júlia, que incentivou Rafinha a seguir fazendo os remédios com as plantas, como aprendeu de indígenas.



Dona Julia Gimenes: liderança Mbya Guarani ia acompanhada dos filhos para o trabalho na Farmacinha – 2015. Foto do acervo de Nadine Brum

A cacica também participava de algumas rodas de conversa, afinal ela defende que “temos que conversar pra entender e saber, tem que fazer conversa, é importante. Nós Guarani sempre faz, fica mais alegre, porque sente sozinho, nem que não tem doença física, às vezes estou sentindo sozinha, aí vem meu filho ou filha e fica junto, conversa e melhora”.

A Farmacinha se tornou um lugar de referência para as mulheres que migram das cidades buscando mais qualidade de vida e convívio com a natureza. Uma delas foi a psicóloga Karina Almeida de Souza, que em 2017 passou a morar no Vale da Forqueta, um dos vales de Maquiné, distante mais de 30 quilômetros da Farmacinha. Ela passou a se dedicar nas tardes de quarta-feira,

trabalhando com dona Maria.

“Para minha vida e primeira experiência com as ervas medicinais, sinto que todo o trabalho realizado agregou imensamente. As relações estabelecidas entre as mulheres foi algo realmente muito gostoso e necessário para aquele momento tão especial”, definiu Karina.

Junto com ela, outra mulher recém chegada era a professora Roberta Maciel da Silva, que também passou a frequentar os encontros do grupo toda semana. Ela conta que em março de 2018 começou a alfabetizar Margarida, “uma mulher muito especial que, junto com Maria, tomava a frente da Farmacinha após Rafinha seguir para outra cidade”.

“Trabalhar com as tinturas, os cosméticos, os chás, todas as quartas-feiras à tarde e na companhia de outras mulheres, me trouxe muita resiliência, sabedoria compartilhada e um reconhecimento muito grande de que sozinhos pouco podemos, mas em grupo nos fortalecemos, empoderamos e criamos coragem para nos posicionarmos e transformarmos esse mundo, ainda tão machista”, complementou Roberta.

Já no final de 2018, num evento no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Maquiné, a bailarina e terapeuta Quelen Terra fez um chamado às pessoas presentes, em especial às mulheres, para conhecerem a Farmacinha, que na época estava sendo tocada quase somente por dona Maria. Atenta a esse chamado, no ano seguinte a fotógrafa Mirella Rabaioli, recém mudada para Maquiné com sua família, se somou à Quelen e Maria.

Em seguida Mirella passou a estender o mesmo chamado a outras pessoas, onde quer que fosse. E assim,

por um motivo ou outro, outras mulheres foram se agregando: Ilka Sant'anna, Bianca Predebon, Michele do Caminho, Ananda Luiza Dalsotto, Bárbara Righi Cenci, Andressa Soares e Ana Lis Empinotti. Elas fazem parte da atual geração das *Bruxinhas de Deus*, todas migrantes do meio urbano.

Também chegaram com essa nova leva Ana Cristina Boff e Aurea Luzia Pereira, que em suas famílias já são a segunda geração a frequentar a Farmacinha. Foi a prima de Ana Cristina que recebeu a homenagem no segundo nome que o grupo teve: Iraci Boff.

Aurea conta que sua mãe ia antes dos anos 2000, “junto das irmãs e primas, elas se divertiram. E a Rafinha conta que a mãe foi a pessoa que mais a apavorou pela pressão sempre tão alta. A mãe contava que a Rafinha ensinava elas a se abraçarem e elas riam de montão, abraçar a si própria, elas riam feito criança”, relembra Aurea.

As histórias das pessoas se conectam à da Farmacinha: cada uma que passa por ela, principalmente aquelas que conseguem participar com frequência, se ligam a uma rede de afetos e resistências, muitas vezes rompendo paradigmas sistêmicos e ancestrais.

Para uma mulher que, assim como eu, vem de um ambiente urbano e saturado de emoções suprimidas, com disputas proporcionadas pelo sistema dominante, ao chegar na Farmacinha, lugar em que mulheres se fortalecem na reprodução de saberes ancestrais, na escuta que ocorre naturalmente, onde são cultivados gestos de ternura e de cuidado, há um retorno à essência e o início da cura de seu feminino ferido (sim: todas, todos e todes estamos feridos em algum grau).

Ao conhecer a Farmacinha em 2014, fora como se

tivesse voltado à infância, quando era a companheira de minha avó durante suas visitas às amigas e parentas. Naquele tempo, as mulheres ainda se sentavam em roda e trocavam experiências, receitas de chás e tratamentos caseiros para todo e qualquer mal. Poderíamos até confundir estes encontros com “terapias em grupo”, numa época em que não eram popularizados os tratamentos psicoterapêuticos.

Essa essência do poder dos encontros entre mulheres faz parte da Farmacinha, assim como suas muitas histórias de superação e de luta.

*Quando eu conheci Mirella e ela me levou e
Depois eu conheci dona Maria e
Ouvi falarem muito de Rafinha,
Foi assim quando eu conheci a Farmacinha...
E vi que tinham poucos desses livrinhos e pensei que
Esse saber tem que viver,
E todas as suas histórias,
As ervas e as pessoas,
Tudo aquilo que nos liga e um pouco mais.
Aqui nós mulheres nos reunimos,
Nos pertencemos,
Sonhamos, damos as mãos,
Colhemos, sorrimos e choramos.*

Plantamos.

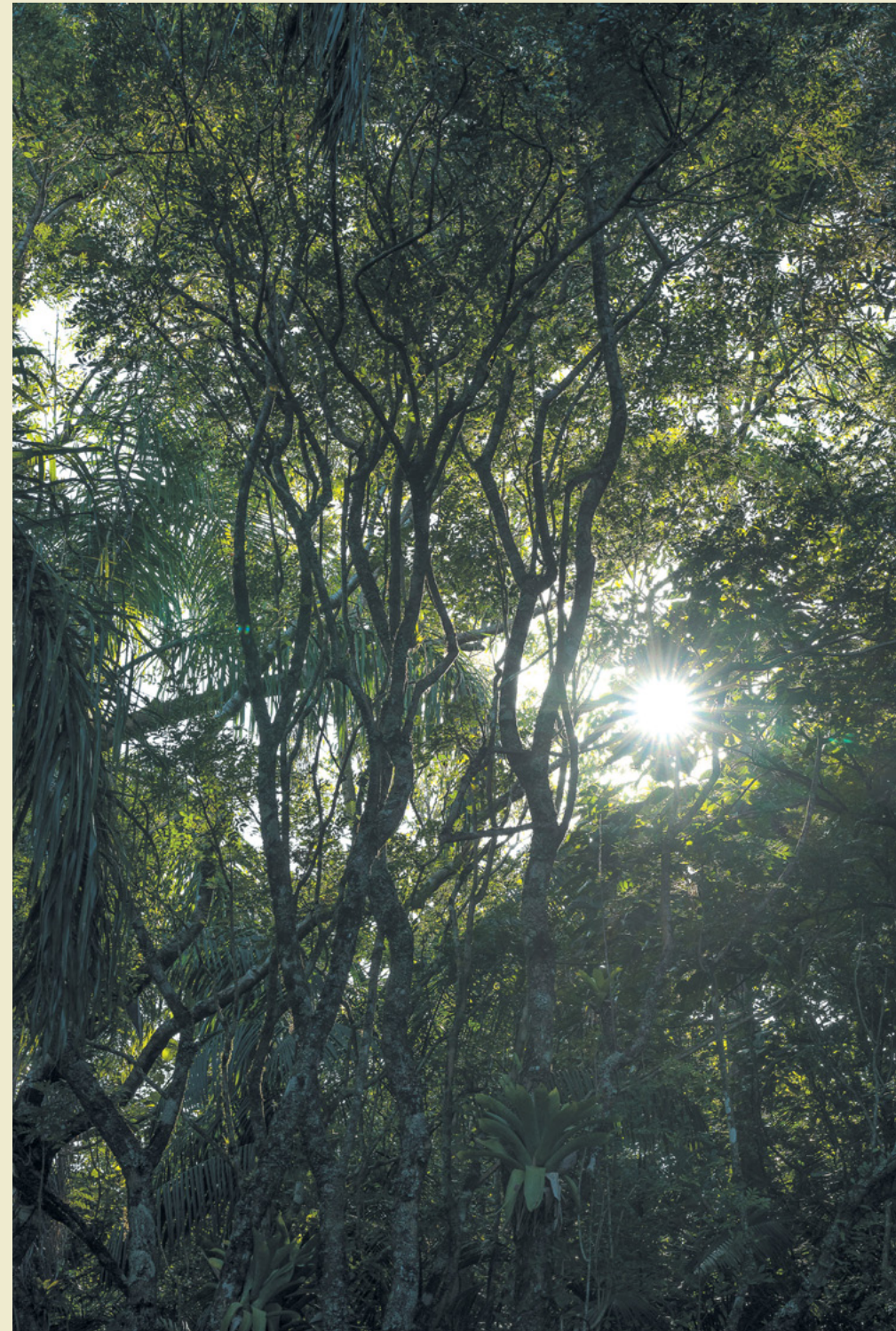
Cuidamos.

Amamos.

*Ilka Sant'anna,
Maquiné, dezembro de 2020*

GALERIA DE FOTOS

Essa série fotográfica foi feita por Mirella Rabaioli entre os anos de 2019 e 2025 em diversas atividades da Farmacinha Filhas da Esperança.















2. MULHERES EM MOVIMENTO: DAS VIOLÊNCIAS PESSOAIS À ORGANIZAÇÃO COLETIVA

*Entrei na luta, da luta não fujo
Pelos direitos, da luta eu não fujo
Pela igualdade, da luta eu não fujo
Para construir uma nova sociedade*

*A flor da terra desabrocha e floresce
O sol aquece com seu brilho e esplendor
Chegou o tempo de colher nossos frutos
Que juntas plantamos, regando com amor*

*A mulher explorada da roça e da cidade
Acredita sempre na sua força de união
Se organiza, reclamando seus direitos
Perde a vergonha, luta com fé e decisão*

Canção do MMC

Nos seus primeiros dez anos de existência, a Farmacinha se torna um espaço onde mulheres “da roça” podiam se encontrar para se fortalecer na produção de remédios naturais, no atendimento fraterno às pessoas que buscavam auxílio e nas suas conversas e reflexões em grupo. Neste movimento, as bruxinhas resgataram (e resgatam) sua ancestralidade, transformando realidades oprimidas, conscientizando e criando laços em prol da libertação.



Nas reuniões mensais, as bruxinhas fortaleciam sua existência de mulher rural, planejando o próximo mês, celebrando os aniversários, rezando, cantando e dançando - novembro de 1993. Foto do acervo da Farmacinha

Para muitas mulheres, a Farmacinha é sinônimo de re-existência, no sentido de resistir e existir, ou como afirmou o diretor, ator e dramaturgo Zé Celso Martinez no filme *Evoé*⁵, de 2011, “você não pode resistir a nada.

Você tem que re-existir. Morrer e renascer. E você não participa, você é ator, você atua, você age”. Ele “incentiva a encenação de um outro mundo através de um esboço ficcional inacabado da realidade, no qual o riso, o prazer e os encontros têm sua potência revolucionária na medida em que não pedem permissão para existir”, conforme artigo⁶ sobre Zé Celso.

Trazendo para o contexto da Farmacinha, Nadine destacou que, além de produzir elixires e tratar dores, os encontros de quartas-feiras também envolviam o prazer em estar juntas. “Se ria muito, se conversava, um lugar para as mulheres desfrutarem sem os homens, entre mulheres, e isso em um contexto de Maquiné, rural, é revolucionário para as mulheres se priorizarem nesse sentido”, compartilhou.



Os lanches na Farmacinha são momentos de descontração e fortalecimento das mulheres - janeiro de 1995. Foto do acervo da Farmacinha

A vontade de Rafinha em viver na “colônia” se concretizou em 1991, quando se mudou para Maquiné. No manual das *Bruxinhas de Deus*, ela conta que quando fazia cinco meses que finalmente estava morando no meio rural, como desejava há muitos anos, percebeu que as mulheres pareciam muito solitárias e cansadas, trabalhando sem parar, na casa e na roça.

Segundo ela, os encontros eram “uma forma de libertação da mulher”, dado que para Rafinha a transformação da sociedade passa pela organização política da mulher. Naquele primeiro encontro, à sombra da vegetação Atlântica, as mulheres não sabiam, mas deram início à sua transformação.



Além do aprendizado com as ervas, os encontros na Farmacinha fomentaram a transformação na vida das mulheres, cuja existência nos anos 1990 se resumia a servir à família e ir às missas e festas da igreja. Reunião nº 16 - 04 de abril de 1993. Foto do acervo da Farmacinha

Andreia Boff conta que Rafinha apresentou àquela comunidade de mulheres o cuidado com a saúde de uma forma que nunca havia sido feito. Ensinou também o autocuidado e a valorização da mulher. “Ela salvou a vida de muitas mulheres, pois a sua chegada foi como um divisor de águas. Além de ensinar o preparo dos remédios, o conhecimento das ervas, ela ensinou às pessoas tantas outras coisas relevantes para as suas vidas, como o amor ao próximo, a fraternidade, a solidariedade e a dedicação ao próximo de uma forma nunca antes experimentada naquele lugar”, relata.

Rafinha veio morar em Maquiné com o principal objetivo de que a natureza e a simplicidade da vida no campo pudessem ajudar seu marido Edi a se recuperar, mas o que aconteceu foi que sua doença se agravou e ele passou a agredi-la de forma violenta.

Muitas vezes ela teve que fugir para evitar um mal mais grave. Uma moto salvou sua vida em diversas ocasiões. “As sete vezes que eu precisei fugir para não morrer foi graças ao botão que ligava a moto na mão, eu ia sempre para casa da minha amiga em Alvorada”, lembra.

Rafinha voltava no dia seguinte às fugas, e confessa que o fazia porque, cada vez mais, as mulheres confiavam no trabalho que estava sendo feito. “A confiança delas valia a pena”, conta. E também sentia compaixão por seu marido, apesar de tudo, por entender que se tratava de um homem psicologicamente doente.

No ano de 1995, Rafinha conseguiu se separar dele. Com ajuda financeira da amiga Olga Gomes, moradora do município de Osório, comprou uma terra mais ao fundo do vale por 3 mil reais, mais sua motocicleta usada.

No entanto, mesmo separada, ainda passou por algumas situações de violência. Em uma noite escura e fria, Rafinha conta que seu ex-marido apareceu na sua casa e a arrastou pelas estradas de terra abaixo, em direção à antiga morada. Apertou o pescoço dela contra o chão, ameaçando que ela não tinha outra alternativa. “É voltar comigo, ou morrer aqui”, vociferou ele.

“Eu não disse nada porque não adiantava, eu pensei ‘então, e agora?’. Foi um momento místico quando veio a inspiração, alguma coisa me disse: ‘solta o corpo pra ele pensar que tu morreu’. E foi o que eu fiz, soltei. E ele disse assim: ‘matei a mulher, e agora?’ e saiu em disparada”, rememora.

Ela lembra que o maior medo dele era ser preso e encarcerado, pois também sofria de claustrofobia, e acredita que foi por isso que a abandonou no chão, pensando que havia lhe tirado a vida. Foi a última vez que Rafinha teve de fugir de moto para Alvorada. Ela estava de pijama. “Cheguei congelada na casa da minha amiga”, complementa. Depois disso ele se apaixonou por outra pessoa, uma jovem que passou a viver na casa com ele.

Noutra ocasião, Edi e sua nova companheira colocaram trancas na sede da Farmacinha e um cartaz com aviso de que a partir daquele dia o local pertencia a eles e serviria como uma biblioteca. Foi então que as mulheres que faziam parte do grupo, junto a seus maridos e filhos, aproveitaram um dia em que o casal tinha viajado, desmancharam a casa e a reconstruíram no lugar onde está até hoje.

Houve ainda uma última tentativa de feminicídio, quando precisaram de enxadas na nova Farmacinha e

não havia. Acontecia um mutirão e Rafinha lembrou que tinha deixado suas ferramentas na casa onde viveu com ele, e resolveu ir pedir apenas aquela que necessitavam. Foi lá e fez o pedido, Edi fingiu aceitar e buscar a ferramenta, mas, quando ela virou em direção à rua, ele se preparou para golpear suas costas com uma foice.

Edi já estava com a ferramenta levantada quando o grito de dona Maria salvou Rafinha. Maria tinha ido atrás dela, avisada pelo seu filho pequeno, porque pressentiu que a situação poderia ser perigosa. Elas sempre contam que Maria salvou a vida de Rafinha.

Passar por toda essa violência de gênero a ajudou a compreender o que as mulheres sofrem, entende Rafinha. Assim também como os 17 anos em que foi freira, trabalhando e convivendo entre mulheres. E desde o primeiro contato com as pessoas dessa comunidade rural, ela conheceu a dor daquelas mulheres.

Foi no dia em que uma mulher chegou na Farmacinha dizendo “prendam suas cabritas que meu bode fez 15 anos!” que os assuntos de gênero começaram a ser abordados no grupo. Naquela tarde, na hora da oração de despedida, Rafinha disse que “nem os homens eram bodes, nem as mulheres deveriam ser tratadas como cabritas. Que não deveriam ensinar os filhos que as meninas precisam fugir deles, mas ensiná-los a ter responsabilidade”.

A partir de 1994 a Farmacinha começou a se expandir. Foi a partir do dia em que o “querido padre Josemar”, como diz Rafinha, chamou ela para dar uma palestra sobre a realidade da mulher na paróquia de Três Cachoeiras no Dia Internacional da Mulher, 8 de março, daquele ano. “Ele tinha vindo visitar nossa Farmacinha, gostou muito

dela e começou a sonhar com uma lá no seu município”, conta Rafinha no manual

Na visita feita pelo pároco Josemar à Farmacinha, estavam também mulheres da coordenação regional do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR). Elas convidaram Rafinha para realizar formações em gênero, saúde integral e plantas medicinais com mulheres do meio rural dos municípios do Litoral Norte do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, como parte do projeto *Grupos de Saúde na Região Litorânea*.

O MMTR no Rio Grande do Sul se uniu ao Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), um movimento nacional que foi criado em 2004, quando vários movimentos regionais se uniram e escolheram esse novo nome. A coordenadora regional do MMC, Jurema Justo Mengue, contou um pouco sobre a articulação feita no Sul para esse primeiro encontro nacional dos movimentos de mulheres, quando foi definida a unificação e o nome do movimento.

“Foi em Brasília, a gente foi em ônibus fretado daqui, uma de cada Farmacinha – era a Farmacinha, mas ao mesmo tempo ali já era o Movimento, não é uma coisa dividida. A luta por saúde e alimentação saudável, agroecologia, contra a violência da mulher e autonomia vem tudo junto, vem um pacote, né? Até hoje eu acho que a gente precisa desse pacote. Não adianta estar tomando o chá, aprender a usar as plantas medicinais se tu é deprimida em casa. Eu penso assim, penso e acredito no crescimento de cada companheira. Um grande exemplo que vocês têm lá na Farmacinha [de Maquiné] é a Maria”, comenta Jurema.



Reencontro das companheiras Rafinha e Jurema justo no encontro regional do MMC, realizado na Farmacinha - 18 de Novembro de 2024.
Foto de Anaiara Ventura

Sendo assim, a origem do MMC na região é o MMTR, que foi criado em 1989 com uma forte representação regional e a participação de aproximadamente 500 lideranças. “Muitas das mulheres que participaram do movimento já tinham experiência e/ou faziam parte de outras organizações (ligadas à Igreja, ao MST, ou sindicatos de trabalhadores rurais), mas formaram o MMTR e decidiram fazê-lo autônomo porque se frustraram ao ver que as reivindicações específicas das mulheres não eram contempladas em outros movimentos”, revela Adriana Samper Erice em sua dissertação.

A aproximação entre a Farmacinha e o MMTR ocorreu no auge das lutas pela documentação pessoal, a aposentadoria, o auxílio-doença, o salário-maternidade,

dentre outros direitos, bem como do reconhecimento por parte do Estado desse corpo que trabalha, que culminou no sujeito político de *mulher rural*.



Farmacinha e Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais - MMTR. Da esquerda para a direita: Maria, Lisiani, Míriam, Ana e Margarida - 2002. Foto do acervo da Farmacinha

Por sua vez, o MMTR-RS teve sua origem com a Organização das Mulheres da Roça (OMR), no ano de 1983, ao norte gaúcho e na região Oeste de Santa Catarina, durante o processo de reabertura política no Brasil (que estava em vias de sair do período de ditadura) e das reivindicações por direitos que marcaram as lutas populares durante o processo Constituinte.

Adriana explicou que a mudança para o nome de Movimento das Mulheres Camponesas e a união de vários movimentos ocorre principalmente pela sua inserção na

Via Campesina e a revalorização do termo *camponês*.

As mulheres do Movimento entendem que a categoria *camponesa* abrange mais que o antigo termo *trabalhadora*, vinculado principalmente às agricultoras. A denominação *camponesa* inclui as extrativistas, pescadoras, quebradeiras de coco, e tantas outras, e cria outro sujeito político: a *mulher camponesa*, que não é mais vista como uma mera trabalhadora rural, mas como alguém que carrega uma cultura diferenciada.

Hoje o MMC está organizado em todas as regiões do país e se define como um movimento autônomo (sendo que não recebe apoio financeiro estável de nenhuma instituição ou outro movimento, permitindo uma maior independência para tomar decisões e levar a cabo suas atividades), democrático, popular, feminista e de classe, na perspectiva socialista.

“Resistimos no campo às consequências econômicas, políticas, sociais e culturais do projeto capitalista, patriarcal, racista e LGBTIfóbico que intensifica a exploração de trabalhadoras e trabalhadores, aumentando a violência e a discriminação contra as mulheres”, se apresenta o movimento em sua página na internet⁷.

A cartilha de formação do 2º congresso Nacional do MMC⁸, a ser realizado em 2025, enfatiza que sua história se funde à conquista de direitos sociais, à luta pela produção de alimentos saudáveis e diversificados, bem como ao enfrentamento e à superação da violência cometida contra as mulheres.

A partir desta aproximação com o Movimento, as mulheres da Farmacinha uniram forças para conquistar direitos trabalhistas, sociais e na área da saúde, além de se fortalecerem enquanto grupo. Um dos resultados

foi o convênio com o governo estadual de Olívio Dutra, em 2000, por meio do Programa de Promoção à Saúde da Mulher e Família, conhecido como *Plantando Saúde*, multiplicado em 14 regiões do Estado.



Mobilização do Movimento de Mulheres na capital gaúcha. Em destaque na foto, dona Maria empunha a bandeira do MMC - 2004.
Foto do acervo de Maria Teresa Gonçalves

O programa *Plantando Saúde* proporcionou 100 kits – com móveis, geladeiras, fogões e pequenos itens de consumo regular, úteis para preparar, armazenar e distribuir os remédios caseiros – para melhorar a infraestrutura das Farmacinhas existentes e criar novas. O recurso cobria os custos de viagem e subsistência, permitindo as atividades de formação orientadas a promover saúde e provocar reflexões sobre os significados de ser mulher e a opressão vivida pelas mulheres. Rafinha

foi central nesse projeto, no qual atuou como consultora responsável pelas capacitações, como contam Charão-Marques e Arce em seu artigo⁹.

Formaram-se 70 grupos de mulheres em 23 municípios do Rio Grande do Sul (no interior do estado, na Região Metropolitana de Porto Alegre e no Litoral Norte gaúcho), em Santa Catarina, Paraná e em três localidades às margens do Rio Negro, no Amazonas (em Barcelos, Santa Isabel e São Gabriel da Cachoeira). Dentre estes 70 grupos, mais de 40 foram ativos durante muitos anos.

Adriana observou que, na história do Movimento, não só os termos mudam – de *trabalhadora* a *camponesa* –, mas a luta também. Num primeiro momento, as reivindicações eram principalmente a respeito dos direitos trabalhistas, mas pouco a pouco as questões específicas de gênero começaram a aparecer. As mulheres discutiam sexualidade, relação entre homens e mulheres, a rejeição aos papéis atribuídos a cada gênero, violência doméstica etc. “É interessante reparar como a aproximação das questões de gênero muitas vezes acontece a partir das plantas medicinais”, aponta a pesquisadora.

Para o Movimento, o feminismo é sinônimo de luta contra toda a forma de opressão contra as mulheres, questionando e negando as relações patriarcais tidas como naturais, denunciando todas as formas de violência e construindo novas práticas.

Na Farmacinha da Solidão, o feminismo está presente especialmente na autonomia conquistada no decorrer de sua existência, após lutas e conversas. Também na postura das suas representantes, como fica evidente num diálogo com dona Maria que Adriana relatou.

“Numa quarta-feira na Farmacinha, a propósito da

última reunião do MMC em Três Cachoeiras, a qual Dona Maria assistiu, perguntei se ela também se considerava feminista. Ela me olhou perplexa e me disse, séria: ‘Claro. Por que não deveria?’. Como se isso fosse uma questão tão evidente que não tinha o mínimo sentido perguntar. Eu insisti, e perguntei de novo como ela tinha conhecido o feminismo, e ela me respondeu: ‘Ah, isso aí, eu sei tudo do Movimento, foi com a mulherada que aprendi isso tudo’”, descreveu.

Nas formações, Rafinha era sempre acompanhada de uma ou mais mulheres: Margarida algumas vezes e, frequentemente, dona Maria. Nestas ocasiões, viajavam juntas pelo Estado e colaboravam nas atividades. Tais movimentos contribuíram para sua autoafirmação feminista, como lembra Rafinha.

“Quando ela começou a ir comigo nos debates de gênero, que a gente ia pelo estado inteiro nos encontros de mulheres, ela começou a ouvir o que a gente falava sobre relação do homem e da mulher, ela escutava, escutava, quando a gente voltava pra casa ela vinha me falando como a vida dela era complicada. Um dia nós fizemos uma terapia do abraço, uma das primeiras que fizemos, elas não sabiam abraçar uma à outra, não tinha como! Sabe, medo! Na primeira vez abracei ela com força e ela não conseguia me abraçar. Depois, numa das vezes que a gente tava viajando, ela disse: ‘eu não sabia que a gente se abraçava assim’, eu disse, ‘Maria, eu te amo muito’. ‘Eu não sabia que a gente dizia eu te amo pra quem não era marido nem mulher’. Eu disse ‘nós vamos dizer isso muitas vezes uma pra outra, porque nós nos amamos de verdade’”, conta. E assim foram estreitando seus laços de afeto.



Amizade e amor são sentimentos que fazem parte da relação entre Rafinha e Maria. Na imagem, elas seguram a bandeira do MMTR na varanda da Farmacinha – 2002. Foto do acervo de Maria Teresa Gonçalves

Questões que parecem tão íntimas, tão subjetivas, mas que são comuns. As violências do patriarcado impactam a todo mundo – homens, mulheres e pessoas de outros gêneros, urbanas ou rurais. E essa relação de companheirismo, amizade e amor com Rafinha transformou completamente a vida de Maria.

“A Farmacinha e a Rafinha mudaram a minha vida. Eu acho que se não fosse isso, estaria já morta. Não tenho como te explicar, mas é o que eu sinto. Se não fosse isso, guria, eu não estava mais aqui”, contou dona Maria à Adriana.

Nesse trecho ela se refere à vez em que Rafinha a levou com urgência para o hospital, mas além disso, num sentido simbólico, à transformação que ocorreu em sua

forma de existir enquanto mulher dentro de sua realidade. A sua história com a Farmacinha provocou mudanças na sua relação com a família e, principalmente, com seu marido, ao deixar de ser tão submissa a ele.

“Era difícil de eu sair de casa. Dizia que mulher na rua era porque não tinha o que fazer em casa. Era difícil eu sair, mas eu saía. Quando passou um tempo, eu saía com ela [Rafinha] num dia e voltava no outro, eu e Margarida, nunca me esqueço disso. Ele nunca disse nada para mim assim: ‘pode ir, tu gosta daquilo que tu faz, pode ir’. Porque eu comecei a fazer uma coisa que eu gostei e gosto até hoje. Se tiver que parar, se tiver que desistir, não sei o que vai ser de mim. Porque os dias que eu não posso vir eu fico pensando ‘mas hoje as gurias estão lá, por que eu não tô junto?’. Uns anos atrás eu não pude vir, fiquei uns três meses parada sem poder nem chegar aqui para pegar um remédio, quando ele se quebrou todo”, lembra dona Maria.

A amizade é a força propulsora do fortalecimento e da transformação destas mulheres. Força geradora de acontecimentos “mágicos”, como o que aconteceu no ano de 2002. Rafinha e Maria viajaram até o município de Alvorada a trabalho, no famoso Fusca azul de Rafinha pela rodovia BR 290, a “Freeway”. Rafinha estava preocupada com sua saúde, por causa da tireoide, uma situação muito difícil. Lá pelas tantas Maria começou a contar sobre seus problemas com o marido e a chorar. “Ele tava muito brabo porque eu comecei a trabalhar, queria que eu tivesse em casa, eu não sou feita pra ficar em casa”, relatou Maria.

As duas mulheres, seguindo no Fusca pela rodovia, choravam suas dores. “Ela me contando e eu contando

pra ela. Primeira vez que trocamos essa parte, sabe, de mulher pra mulher. Nós íamos muito antes de chegar lá no pedágio. De repente a Maria disse ‘Rafinha, olha aqui’, o céu assim brilhante, nada de nuvem. ‘Olha aí Rafinha, o arco-íris!’”, emociona-se Rafinha ao lembrar.

Mesmo com tempo bom, um arco-íris surgiu de um lado ao outro do carro e as acompanhou por vários quilômetros. “Parei um pouco, o arco-íris parou. Nós paramos de chorar. Mais de 15 km o arco-íris nos acompanhou! Quando nós já estávamos calmas, tão felizes com o arco-íris, ele desapareceu. Forte, com as cores bem vivas. Eu disse: ‘meu Deus, mas isso não tem lógica, um arco-íris que caminha com o carro. Não existe isso’. Foi algo muito importante, pra dizer pra gente: ‘coragem, vocês têm uma missão, vocês não vão ficar chorando toda vida’. Nós entendemos esse recado”, rememorou Rafinha em 2021.

Assim como dona Maria, outras mulheres enfrentaram a submissão aos homens – ou ao sistema patriarcal – a partir de seu encontro com Rafinha e a Farmacinha. Como concluiu Adriana em sua pesquisa, a Farmacinha constitui não só um espaço de elaboração de remédios naturais, mas também um lugar de troca de experiências e relatos entre mulheres. E são estas questões do cotidiano, da troca e da politização das mulheres, que chamaram fortemente sua atenção depois de um tempo com o grupo.

Para Odete Toazza, em entrevista publicada no livro *Sustentar o Ativismo*¹⁰, “não se trata apenas de misturar ervas, isso tem a ver com um momento de descontração para mulheres. Com o fato de as mulheres enfrentarem

a questão da discriminação, encontrando-se e formando grupos, aproveitarem algo concreto com as ervas para encontrarem um caminho para a liberdade”. A entrevista data do ano de 2001 e Odete integrava o Movimento de Mulheres e a Farmacinha criada no município de Ibiraiaras, nos Campos de Cima da Serra, na região Nordeste do Estado.

Nadine também comentou sobre a importância da Farmacinha no contexto rural, “principalmente para as mulheres que nasceram ali, tem questões de gênero bem pesadas. A Farmacinha trabalha estas questões e às vezes também de violência de gênero, mesmo que muitas vezes não seja falado abertamente, mesmo assim se problematizam, com as mulheres tendo que matar no peito para sair de casa e ir”. Ela destacou a importância dessa experiência, tanto para seu trabalho profissional e sustento, quanto para dona Maria se alfabetizar, assim como para o empoderamento de diversas mulheres, com destaque para as gerações mais velhas.

Durante o projeto *Plantando Saúde* e unida ao Movimento de Mulheres, a Farmacinha levou a proposta de promover saúde de forma integral e provocar reflexões sobre os significados de ser mulher e a opressão vivida pelas mulheres no campo. Além dos preparos com as plantas e reflexão crítica sobre a agricultura convencional, a ideia também visava fortalecer as mulheres com afeto e politização, a fim de incentivar mudanças em seus modos de agir frente às opressões sistêmicas do patriarcado, especialmente no meio rural.

Em entrevista à Adriana, Rafinha descreve como ocorriam estas práticas nos encontros do Litoral Norte.

“Eu sempre chegava com as plantas. Fazíamos reuniões a cada 15 dias e aí eu dizia pra elas: ‘olha só, eu vim faz 15 dias e trouxe um monte de plantas pra vocês, mas vejo nos olhos de vocês que ainda estão tristes, vocês não sorriem... Significa que as plantas não curaram vocês’. Aí, ia perguntando pra elas coisas e, daqui a pouco, chegamos à conclusão que a maior doença que acontecia era a falta de amor do casal. É por isso que elas continuavam com o olhar triste, dor de cabeça, ansiedade e depressão, que começava na relação. Aí começamos a nos perguntar o que tínhamos que mudar. Na vez seguinte nós íamos um pouco mais fundo, dizendo ‘no final de contas vocês também são gente, ou é só o homem que é gente?’. Ishhh! Saía cada história! Foi por isso que decidi trabalhar com gênero e saúde em todo Rio Grande do Sul em pequenos grupos. E gênero é importante demais, tem cada história que dá pra escrever num livro grosso. E foi lindo de ver. Mulheres que se davam conta de repente que não eram uma coisa, um instrumento de ninguém. Ah! como foi lindo de ver elas se libertando!”, lembrou.

Mas a percepção de Rafinha em torno do feminismo foi se transformando ao passar dos anos. “Agora estou tentando ser equilibrista, porque eu já fui muito feminista. O *Plantando Saúde* trabalhava gênero profundamente, e era o que me interessava mais na época. Nessa hora eu me sentia realmente inspirada para trabalhar isso, elas entendiam o que eu dizia. Muitas mudaram. Muitas tiveram que se separar dos maridos. Outras encontraram a pessoa certa, outras propuseram para os maridos muita mudança. Acho que ninguém ficou igual, porque era forte o argumento. Naquela época me tornei feminista. Ainda sou bastante, só que agora eu sinto, trabalhando

com o Reiki e com a história da humanidade, que estou tentando ser mais equilibrista, tentando entender porque o homem é como é, tentando ajudar esses homens que estão chegando. Acho que eu fiz as pazes um pouco com a parte masculina”, explicou em 2015.

O fato é que seu trabalho com as questões de gênero incomodava a comunidade masculina na Solidão, como contou dona Maria. “Quando os casais se separavam, eles culpavam a Rafinha. Culpavam ela, que tava tirando as mulheres dos homens”.

Além disso, Rafinha se posicionava contra o uso dos agrotóxicos e a caça de animais silvestres, duas práticas comuns na região. Por isso surgiram as ameaças contra ela, por parte dos homens. Havia, segundo ela, “um tipo de perseguição silenciosa por causa dos agrotóxicos. Quando comecei a tocar nessa parte, eles começaram a reagir”. Ela chegou a ser denunciada à polícia por tráfico em 1998.

“Em uma Quinta-feira Santa, quando cheguei em minha casa de uma visita a velhinhos para saber como estavam, havia três homens. ‘A senhora é a Rafinha? Nos passe sua chave [da Farmacinha] e volte daqui a uma hora’. Entreguei a chave e fui para minha casa plantar, tinha um canteiro novo a fazer naquele dia. Uma hora depois, preparei três cafezinhos e levei pra eles. Quando eu voltei, foi uma surpresa, cada um deles tinha uma sacolinha de plástico com várias tinturas. Disseram: ‘dona Rafinha, que coisa mais boa! Vou levar isso aqui para minha avó, para minha mãe, para minha tia...’. Eu disse ‘tudo bem, mas se era só para isso a gente poderia ter conversado antes’. E eles me disseram que eu fui denunciada, ‘porque a senhora tem uma moto,

podemos ver sua moto?’. Eu tinha moto e uma caixa de ferro soldado onde colocava uma caixa de papelão para levar o que precisava. Eles procuravam maconha. Falei: ‘eu não conheço, mas se vocês têm para me apresentar eu gostaria de conhecer’ e eles começaram a rir e foram embora”, se diverte Rafinha ao lembrar esse fato vinte e seis anos depois.

Com relação às perseguições e retaliações que ela sofreu, a professora Rumi acredita que se deram não só por desconfiarem que denunciava agricultores que exploravam a terra fazendo uso indiscriminado de agrotóxicos e caçadores que cometiam o crime de caçar animais silvestres, como também porque Rafinha, a Farmacinha e sua atuação junto às plantas atraíam muito a atenção de pessoas de fora, principalmente de ecologistas e ambientalistas. E houve uma situação específica a partir da qual as perseguições se intensificaram.

“Antes de subir a estrada para a Farmacinha, passava por uma casa de uma família muito humilde, o pai era caçador, mas eu nunca iria denunciá-lo. Um dia, eu parei na casa para descansar. Quando eu estava chegando, ouvi alguém falando ‘ela está vindo’. Quando eu cheguei na casa, vi várias cores saindo da geladeira, penas coloridas, e eu bem tranquila, com a liberdade que eu tinha com eles, abri a geladeira para ver o que eram aquelas cores. Quando abri, havia cinco tucanos recém mortos, eles estavam preparando para comer quando me viram, eu disse ‘fiquem tranquilos, eu não vou fazer nada contra vocês’. Mas a ideia dele era de que eu iria denunciar. E então começou a falar mal de mim, imaginar coisas, proibiu a mulher e os filhos de falarem comigo. Como eu

“tinha tanta coisa por fazer, eu não fiquei me preocupando muito”, conta Rafinha.



Dentre as marcas das ameaças nessa época, a placa indicativa da Farmacinha sofreu tiros e cortes à facção – 2016.

Foto do acervo de Nadine Brum

A saída de Rafinha de Maquiné aconteceu em 2004, em consequência de perseguições e ameaças de morte, e por estar com hipertireoidismo grave. Ela foi resgatada pelos seus amigos freis quando já não tinha mais forças para se levantar. Levaram ela para a Morada do Vale, em Viamão, para que pudesse se recuperar.

“Mas tinha uma última coisa que eu queria fazer ainda, eu me imaginei andando de bicicleta vestida com um lençol com uma caveira na frente e atrás, e ia pedir emprestado uma máquina de veneno, colocar nas costas e passear bem devagarinho por todas as ruas, eu queria

fazer de despedida, mas aí as minhas pernas já não tinham forças”, revelou Rafinha.

No município de Viamão, em 2021, iniciou uma ecovila, “que foi o maior sonho de todos, o maior sonho foi esse, desde que saí do convento, era fazer uma comunidade de famílias”, relatou.

Muitas mulheres tiveram seu destino transformado pela Farmacinha. Um grande exemplo é dona Maria, que deixou para trás o analfabetismo e a total submissão ao marido. “Se a gente gostar de fazer uma coisa e não seguir aquilo... Acho que todas as pessoas têm que seguir aquilo que gostam de fazer, eu digo por mim. Acho que por causa desse trabalho, desde que comecei com ela e depois, acho que por causa disso eu sobrevivi, né?”, conta Maria.

Sua filha Lisiani também admite que sua vida foi diferente, frente à realidade das pessoas do local e de sua geração. “Foi através do Movimento que eu fui uma das convidadas para fazer a faculdade na UERGS [Universidade Estadual do Rio Grande do Sul], pois o Movimento tinha um convênio”, afirma.

Rafinha já havia saído de Maquiné e Lisiani seguiu vivendo na casinha que fora construída junto à sede atual da Farmacinha. Fez toda a graduação enquanto morava ali, em regime de alternância (um período estudando e outro na comunidade).

“Foi a segunda e última turma de Desenvolvimento Rural em Veranópolis. Depois cortaram o convênio. Foi muito importante pra mim ter participado, ter estudado. Toda a convivência, tudo o que aprendi

com os movimentos, era a Via Campesina toda. Se não tivesse no Movimento, junto com a Farmacinha, não teria estudado e feito tantos cursos, não teria tido tantas experiências”, reconhece Lisiani. Ela concluiu a graduação em Administração pela UERGS em 2007, e hoje é funcionária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Maquiné e mora no centro do município com sua família.

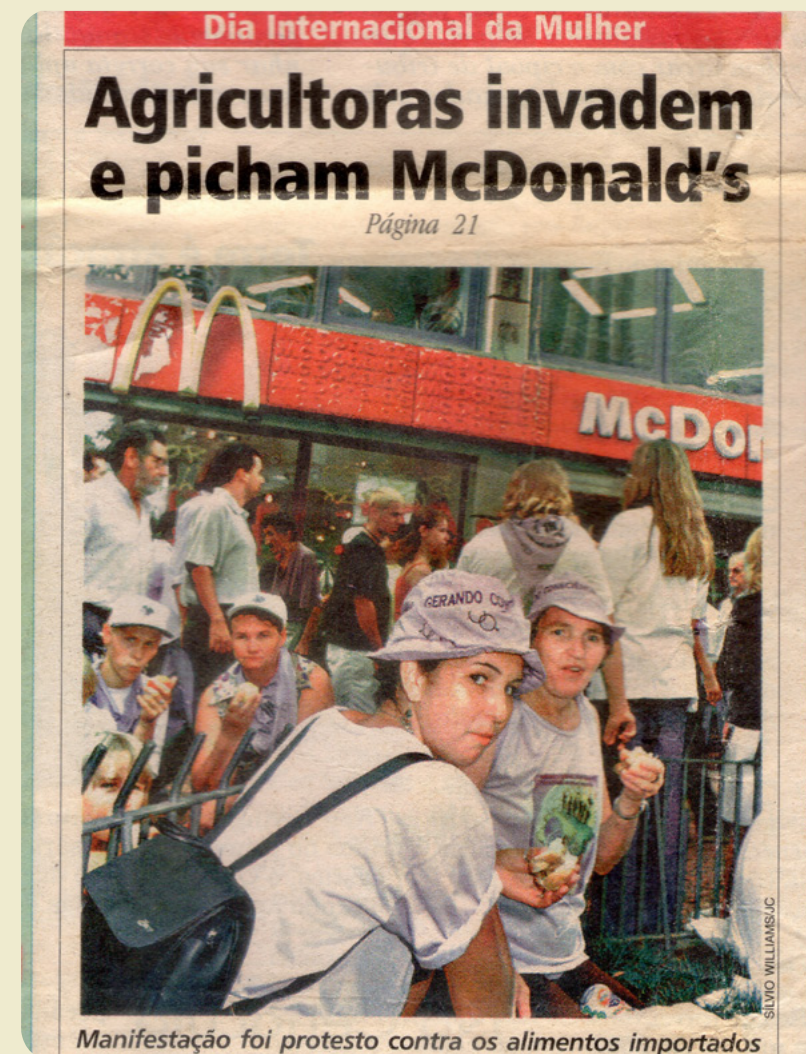


Desde o início da história da Farmacinha, Lisiani e o irmão Gabriel acompanharam dona Maria nos trabalhos de quartas-feiras – 1992.

Foto do acervo de Lisiani Gonçalves da Rosa

Ao ser perguntada como seria sua vida sem a Farmacinha, ela foi enfática. “Eu nem imagino como teria sido, o que eu teria feito da vida. Acho que teria feito o que as outras pessoas fazem normalmente aqui. Casar cedo, ou não estudar, não ter essas oportunidades

que tive, acho que isso fez toda diferença na minha vida”.



Lisiani e Maria no manifesto contra os alimentos com veneno, em Porto Alegre foram destaque na capa do Jornal do Comércio, no Dia Internacional da Mulher, 8 de março de 2001. Material do acervo de Maria Teresa Gonçalves

Nadine também entende que a Farmacinha lhe deu direção. “Quando cheguei em Maquiné não conhecia minha potência e do que eu gostava, e a Farmacinha me trouxe isso, me empoderou. Eu estudo e trabalho e vivo as plantas medicinais. As alternativas de renda e o modo de vida que tive na época foram inspirados na Farmacinha: dei palestras sobre medicina natural e me incentivou a fazer o curso Técnico em Meio Ambiente [na Escola Rural de Osório], onde ministrei uma oficina de preparo de xarope. Eu sou mais das ‘Humanas’, mas a Farmacinha trouxe a sede por conhecimento, por pensar e por trabalhar com as plantas medicinais. Foi um ponto crucial na minha vida”, enfatizou Nadine, que atualmente estuda História na Faculdade de Misiones, na Argentina, e vive com a família na comunidade Mbya Guarani Tekoa Tamanduá, na cidade de 25 de Mayo.

A Farmacinha mudou as realidades de algumas mulheres, até mesmo quando estas apenas ouviram falar nela, como conta a artesã Fernanda Lima. Ao conhecer Maquiné através de uma amiga chamada Maria, ela desejou morar neste lugar. Noutra vez, Maria lhe falou da Farmacinha e de Rafinha e lhe passou a receita de xarope [de bananinha do mato, ou gravatá], “que guardo e faço até hoje. E desde que eu ouvi falar de Rafinha nesse lugar, eu coloquei como objetivo ir morar na Barra do Ouro [distrito do município de Maquiné] e participar da Farmacinha. Então, todos os anos eu colocava na minha lista de desejos de ano novo, em primeiro lugar, morar na Barra do Ouro e estudar as ervas na Farmacinha. E assim foram cerca de 20 anos sonhando esse sonho”.

Em 2011 ela recebeu o presente da amiga, quando estava em São Paulo, vivendo com seus dois filhos

pequenos e sem dinheiro algum. “Maria me disse para eu voltar para o Sul pois ela tinha um tesouro pra mim. Naquele mesmo dia, eu acredito que uma força muito poderosa me guiou e fui para a rodoviária de São Paulo expor meus artesanatos e vendi o valor suficiente para duas passagens, para mim e meu filho Pedro, e Maria Flor veio no colo. Pegamos um ônibus naquela noite mesmo e, em nossa chegada, Maria contou que havia ganhado terras em Maquiné e me convidou para morar nesse lugar. E fomos.

E logo que cheguei fui conhecer a Farmacinha, em alguns encontros, mas depois ficou difícil acompanhar. E tive a ideia de voltar a ativar a farmacinha na Barra [onde já havia existido uma Farmacinha originada da primeira], organizei as coisas, o espaço que estava na casa das irmãs, depois em outro, o espaço *Curatê na Mata*. Sempre com essa vontade de estar fazendo os remédios. Mas todos esses 14 anos em que fiquei em Maquiné estive conectada à Farmacinha, porque eu nunca parei de plantar as ervas e de estudar. Estou super emocionada porque a Farmacinha guiou minha vida. Não consegui fazer tudo que sonhei, mas eu vi que lidei de outra forma: estudando, plantando e conhecendo as plantas. E que eu vou levar por toda a minha vida”, relatou Fernanda.

Uma iniciativa tão simples como essa, num canto rural, revela-se ao longo dos anos com um profundo poder de transformação na vida das mulheres que passam por ela, e de toda a comunidade ao seu redor. Seja por contribuir para a conscientização das violências que as mulheres sofrem e conectar saberes e práticas que ajudam a enfrentá-la. Seja pelo fortalecimento da autoconfiança para romper padrões de submissão e

abrir oportunidades de estudo e de trabalho. Seja por incentivar o afeto e o amor para além da relação de casal, com as amigas, companheiras e pela vida como um todo. Seja por inspirar a seguir os sonhos, e ser referência de que é possível “fazer acontecer”. Seja pela relação de autonomia com o cuidado, com a cura, com as plantas. Seja por tecer uma rede de afeto, cumplicidade e apoio mútuo. Seja por promover a organização por defesa da vida, agroecologia e justiça social.



Encontro de formação em saúde integral com Rafinha na Farmacinha - 2014. Da esquerda para direita, acima: Nadine, Maria, NI (não identificada), NI, Vilma, Vanessa Oliveira (in memoriam), NI, Cristal e abaixo: Adriana Samper, Anaiara Ventura, Mayara, Rafinha e Pinguinho, Valéria Bastos, Fernanda Lima. Foto do acervo de Valéria Bastos

“A Farmacinha é, ao mesmo tempo, uma história concreta e um símbolo de como se tece a re-existência entre mulheres. Tem valor pelo que é em si, e muito

mais pelo que pode inspirar em outros tempos e espaços, sendo gérmen de diversas experiências coletivas e de transformação pessoal”, entende Michele do Caminho, que participa da Farmacinha desde 2019, coabita o Território Junana e contribui na construção deste livro.

E mesmo Rafinha, essa liderança que inspira tanta gente e reúne tantos grupos, sofreu violências inaceitáveis, entre elas inúmeras tentativas de feminicídio, ou seja, de assassinato apenas por ser mulher. O que indica o quão constantes são essas situações nas vidas das mulheres. E talvez, por serem tão corriqueiras, sejam tão banalizadas.

Essa compreensão nos traz a importância das mulheres se organizarem, de lutarem por seus direitos, de se fortalecerem, de não se submeterem. “Tão nocivo quanto o capitalismo, que destrói a vida no planeta, e ainda mais antigo, é o patriarcado. Enfrentar esse sistema de dominação, criar brechas e alargá-las, conectá-las em redes, é o que nos permite re-existir e, enquanto mulheres, nos movimentar livremente pela vida”, defende Michele. “E a Farmacinha é lótus reluzente que brota nesse lodo”, conclui.



3. BRUXAS A SERVIÇO DA VIDA: SAÚDE ATRAVÉS DA NATUREZA E DA FÉ

*meu lado
mais humano
floresce
quando sou
vegetal*

poema de Michele do Caminho

Dona Mariquinha foi a primeira pessoa de quem Rafinha mediu a pressão depois que chegou em Maquiné. Ela voltou na semana seguinte e nas próximas, levando mais gente. Isso fez com que Rafinha entendesse a resposta às suas preces quando pediu um sinal de Deus. Então ela chamou as mulheres da comunidade para a primeira reunião, o que deu início a toda a história da Farmacinha.

Em 1992 ocorreu um inverno muito severo, fazendo com que bastante gente ficasse doente com tosse, gripe e bronquite. Não havendo acesso fácil a médicos em Maquiné, Rafinha resolveu fazer um xarope. “Das plantas que tinha no mato, começamos a colher as que as mulheres já conheciam das avós, das mães. Uns 8 ou 10 tipos de plantas e fizemos o xarope. E todo mundo levou um vidro pra casa e gostaram”, lembrou.



Mulheres se reúnem todas às quartas-feiras para preparar os fitoterápicos. Foto do acervo da Farmacinha

A partir dos encontros semanais, Rafinha percebeu como as mulheres estavam doentes, sempre deprimidas e cansadas. “Dentro de mim começou a surgir todo esse chamado pra natureza. Eu já tinha me curado de um câncer com a natureza, mas não imaginei que eu ia fazer isso com as pessoas. Aí eu fui falar com frei Homero, grande amigo. E ele disse ‘por que tu não faz algumas tinturas, pra que essa gente tenha um remédio mais forte?’ Aí eu comecei a fazer das mais simples, de tansagem, de malva, de cana cidreira pra acalmar... Alguém levou duas tinturas e ficou melhor. Um casal com mal de Parkinson se curou em 3 meses com as tinturas, parou de tremer total. Eu ia descobrindo com as plantas... Era uma experiência! E foi acontecendo tanta coisa bonita, daí um pouco começamos a fazer mais tinturas, estudar para outras doenças, os livros”, rememorou Rafinha em 2021.

Passaram a preparar as tinturas e a atender o povo. Naquela época era difícil o acesso à Farmacinha, pelo fato de Maquiné ter poucos habitantes mas uma área relativamente extensa, e não contar com sistema de transporte público. Até hoje é essa precariedade! Mesmo assim as pessoas davam um jeito de ir até lá.

“Começava domingo de manhã, o povo chegava de todo lado, vinha a pé, de bicicleta, de carona, de carroça, no cavalo, de carro... Depois começaram a vir os parentes que vinham visitar. E tivemos que aumentar a quantidade de tinturas, não tinha como fazer rótulo, era feito tudo à mão, tudo rústico. Daqui a pouco não tinha nem um dia a mais na semana, eu morava ali. Tinha um ferro na entrada da casa, e lá eles chegavam e batiam aquele ferro, até à noite. E eu atendia direto, só com tinturas”,

conta Rafinha.

No fim de 1992 já estavam produzindo pomada para inflamações, dores, lesões musculares e articulares, a Pomada Milagrosa, Xarope de Própolis, Xarope Forte e ervas secas para várias enfermidades.

Conforme o manual das *Bruxinhas de Deus*, elas iniciaram o trabalho com a tintura de alho, para tratamento de gripes fortes e de pressão alta, problemas mais comuns do povo na época. E, em poucas semanas, além da tintura de alho (*Allium sativum*), já haviam preparado as de tansagem (*Pantago major*), de malva (*Malva sylvestris*), de boldo (*Peumus boldus*), de mulungu (*Erythrina mulungu*), de funcho (*Foeniculum vulgare*), de eucalipto (*Eucalyptus globulus*) e de cassáú (*Aristolochia cymbifera*).

Um exemplo de cura alcançada por meio da Farmacinha é o de Janaína Soares dos Santos. Ela conheceu Rafinha em 2000, quando esta visitou a comunidade alternativa onde Janaína vivia, na localidade Rio Ligeiro, em Maquiné. Por conta dos banhos de rio no inverno, Janaína havia adquirido cistite crônica, no que Rafinha lhe indicou um elixir e banhos de assento com chá de cavalinha (*Equisetum hyemale*). “Só sei que me curou e nunca mais tive a doença, e recomendei esse banho pra muitas pessoas”, conta.

Janaína participou de formações em Reiki ministradas por Rafinha a partir de 2014 e também de alguns encontros nas quartas-feiras, sem conseguir firmar um compromisso por causa do trabalho e da distância, mas destaca sua importância. “Estes encontros têm o poder de fazer com que cada uma reconheça a sua força, através do acolhimento e apoio ofertados pelas companheiras, das

partilhas de história de vida e do conhecimento do poder curador das plantas medicinais, tornando-se assim uma fonte inesgotável de inspiração”.



Primeiro encontro do grupo de formação em Reiki, ministrado por Rafinha. Janaína no centro, sentada, de vermelho - junho de 2014. Foto do acervo de Valéria Bastos

São muitas as histórias que surgem ao longo da trajetória da Farmacinha na Solidão, algumas curiosas e até mesmo engraçadas – como a de seu Manuel e dona Josefina, ambos com mais de 70 anos de idade na década de 90. A primeira vez que estiveram na Farmacinha percorreram 8 quilômetros a pé, desde a localidade Vacaria. E chegaram separados, seu Manuel uma hora antes da companheira, dizendo que a mulher era muito mole para caminhar, por isso a deixara para trás.

Rafinha estava atendendo outra pessoa quando escutou, através da parede de madeira, o que uma

companheira do grupo dizia. “Se o senhor não esconder este cigarro, a Rafinha não lhe dará remédio para o pulmão”, alertou.

A fundadora da Farmacinha conta no seu manual que “quando o dono do cigarro chegou para consultar, apareceu na porta com o cigarro preso na orelha, cigarro de palha. Tinha esquecido que lhe haviam cortado o cabelo naquele dia e que o cigarro estava aparecendo. Perguntei-lhe, depois das queixas sobre a tosse que não passava, se fumava. Ele, muito vermelho, disse que não. Então perguntei: ‘O senhor costuma usar cigarro no lugar de brinco?’. Depois de muitas risadas, ficamos grandes amigos”, escreveu.

Como parte do tratamento, foi recomendado ao casal se abraçarem uma vez por dia. Segundo dona Josefina, fazia mais de vinte anos que não recebia um abraço do seu esposo. A história conta que os dois não mais chegaram na Farmacinha separados, mas um apoiando o outro na caminhada. “O carinho entre eles ajudou muito, tanto que a tremedeira de D. Josefina parou. Sei bem que, junto com as tinturas para a circulação e sistema nervoso que ela levou, o grande responsável da cura foi o abraço diário”, ressaltou Rafinha.

Esse gesto fez parte dos atendimentos e tratamentos desde o início. Ao chegarem à Farmacinha, as pessoas recebiam um abraço, pois “sentir-se acolhido e abraçado traz, para todos nós, a sensação de bem-estar”, confirma Rafinha.



‘Vó’ Bela e dona Frida. Os atendimentos na Farmacinha são fraternos e como complemento ao tratamento com as ervas, as pessoas são orientadas a dar e receber uma dose diária de afeto. Foto do acervo da Farmacinha

Em seguida ao acolhimento, se anotava em uma ficha os sintomas e o histórico dos problemas de cada pessoa, buscando descobrir os motivos que a levaram a ficar doente. Então verificavam a pressão arterial e, durante o atendimento, tentavam chegar à raiz do problema.

Esse jeito de atender foi um diferencial, oferecendo uma alternativa às consultas médicas e aos tratamentos das farmácias alopáticas, cujas companhias farmacêuticas têm como principal objetivo o lucro, não a cura.

Os atendimentos e tratamentos feitos por mulheres com plantas e afeto foram a base para a busca da *saúde integral* nas Farmacinhas Comunitárias. A partir desse conceito, entende-se que os seres precisam estar em equilíbrio dos corpos físico, emocional, mental e

espiritual, bem como em seu ambiente natural e social, atingindo assim o bem-estar.

Nas Farmacinhas, a visão de saúde integral orienta a repensar o modo de vida (com mudanças nos relacionamentos, na alimentação, nos hábitos etc.), a buscar o autoconhecimento e a lutar contra os agrotóxicos, consumindo e produzindo alimentos agroecológicos tanto quanto possível.

O atendimento, levando em consideração a saúde dos seres no âmbito integral, começou nessa época e foi aprimorado ao longo dos anos. Rafinha integrou o tratamento com aplicação de Reiki, acupuntura e outros saberes tradicionais, holísticos e alternativos à medicina convencional.

“Junto com o xarope, a pomada e as tinturas, é recomendada outra maneira de tratar-se, ligadas ao aspecto emocional e espiritual. Nós temos certeza, por exemplo, de que para curar um câncer (fui curada duas vezes de câncer) não basta tomar remédios. É preciso fazer uma grande mudança na vida, às vezes uma mudança radical”, enfatizou ela no manual das *Bruxinhas de Deus*.

É importante ressaltar que, na década de 1980, Rafinha venceu os dois tipos de câncer graças ao convívio com indígenas durante missões na Amazônia, com tratamentos naturais à base de plantas e mudanças na alimentação, segundo reportagem publicada em 2015 ¹¹.

“Nós não curamos nenhuma doença, iniciamos uma terapia para que elas [as pessoas] mudem de hábitos, de alimentação, com aplicação de Reiki e de limpeza de ouvidos com métodos indígenas. Mas, se as pessoas não fizerem mudanças nas suas vidas, não há cura”, contou Rafinha na mesma publicação, ao falar sobre os

atendimentos pelo Grupo CUIDI em Gravataí.

O foco na saúde integral se aprimorou quando as pessoas começaram a aplicar o Reiki nos atendimentos do CUIDI e em algumas Farmacinhas. “A pessoa se torna reikiana e toma consciência”, entende Rafinha. Ela explica que durante as formações em Reiki que ministra, as pessoas são orientadas a aplicar a terapia com imposição de mãos durante o preparo fitoterápico: nas plantas, nas tinturas e demais produtos. E todas que atendem nestes espaços, mesmo que não tenham a iniciação em Reiki, são orientadas a abençoar o preparo e as plantas com oração e o entendimento da interligação com o universo. “Aquele espírito de que está tudo interligado; na hora que vai colher as plantas, pedir licença”, exemplificou.

Segundo o MMC, as formações do programa *Plantando Saúde* (que fortaleceu as ações das Farmacinhas) contemplaram a saúde integral a partir da “reflexão acerca do ‘ser mulher’ e do ‘ser humano’; da promoção à saúde da mulher no seu ‘ser integral’; da história da medicina e dos cuidados em saúde; de saúde e da agricultura camponesa agroecológica, das plantas medicinais; da alimentação saudável; da história da mulher na humanidade; da saúde ambiental, das práticas tradicionais e integrativas de saúde, do Sistema Único de Saúde (SUS) e das várias políticas de atenção integral à saúde, entre outras temáticas apresentadas pelas próprias mulheres”.

Na cartilha ¹², o MMC ainda estabelece que o conceito de saúde integral está relacionado à “construção de um modo digno e saudável de vida fundamentado nas novas relações entre mulheres e homens, no cuidado com o corpo, a mente, o espírito e o ambiente, também

com a alegria, o bom humor, a respiração, o sono, as caminhadas, os exercícios físicos, o lazer saudável, a conversa, o diálogo, o carinho e o afeto para com os outros; enfim, ter equilíbrio em nossa vida cotidiana.”

A coordenadora do *Plantando Saúde* no Rio Grande do Sul, Elci da Paz, contou em entrevista que a Farmacinha potencializou o programa, levando o conceito e as práticas relacionadas à saúde integral para as mulheres rurais. “Muita gente se curou de modo mais amplo, mais integral da coisa, inclusive eu, um novo olhar para a vida, para o sofrimento, para as dores, para o planeta. Acho que as plantas proporcionam muito isso”, contou.

Ela refletiu sobre a repercussão gerada na época, por conta dos estudos das plantas e do foco em saúde integral, o que fez com que o Movimento se expandisse. “As plantas são uma ferramenta para aglomerar mulheres, despertar o interesse delas. A gente se reúne com as plantas, a gente abre os leques. Todas as questões vêm ali. Manipulando as plantas elas tão falando da vida, das dores, das angústias, do relacionamento em casa, do que falta também no sentido material. E aí já vai saindo uma pauta de reivindicação, uma luta, conteúdos, mais prosa, mais conversa, se reunir de novo... Eu acho as plantas uma coisa incrível. Têm potencial enorme pra montar e organizar grupos. Porque é uma coisa concreta, porque tudo tá relacionado à saúde. É como se fosse uma sessão de terapia”, complementa.

Desde seus 14 anos, ela atua em grupos de mulheres e com plantas na igreja, no município de Três Cachoeiras. Sua mãe foi uma “bruxa verde raiz”, referência na comunidade para tratar o povo com chás e ervas. Elci ressalta a eficácia dos chás diante dos elixires, entendendo

que os primeiros atuam também como preventivos e os elixires mais diretamente na cura, quando a doença já está instalada. “Eu acho o chá mais genuíno. O elixir, se não cuidar, vicia. Não é como as plantas que nascem no teu quintal. Tudo que facilita muito, desvirtua”, pondera.



Elci é a terceira da direita para esquerda - Farmacinha, Maquiné - 1994. Foto do acervo da Farmacinha

Para ela, o simples ato de tomar uma xícara de chá conecta a pessoa com “o Todo, com a terra, com quem plantou, com Deus, com o Criador”, mais que qualquer outro ritual, se o fizer com intenção. Ela lembra de sua mãe orientando a não tomar o chá de qualquer jeito. “É uma xícara de chá! Tu também tá ali”, dizia a mãe.

“Essa sensação de ser, de sentir, eu acho incrível, e o chá proporciona isso”, conta Elci. “Porque ele é genuíno, ele é o chá da planta que tá ali no teu quintal, que às

vezes tu pisou em cima, nem te deu conta que ele é um remédio, e é esse poder todo. Uma simples plantinha, que nasce espontânea às vezes, não precisa de ninguém e quando tu arranca, ela volta. E a mãe sempre dizia assim: ‘quando a gente precisa de um chá, o universo manda pro teu quintal, procura lá que tá lá’”, conclui.

Até hoje os atendimentos nas Farmacinhas são feitos sob a perspectiva da saúde integral. Rafinha segue ministrando as formações, fortalecendo as mulheres que continuam atuantes e compartilhando esse conhecimento a todas as pessoas que desejarem.

Em maio de 2024, mais uma turma de estudos se iniciou na *Farmacinha Comunitária Filhas da Esperança*. Tendo sido aperfeiçoado ao longo dos anos, seguindo as correntes das mudanças na área de saúde, sociedade e cultura alimentar, a versão atual teve como objetivo “curar nossa vida e ajudar na cura dos seres”, com a compreensão de que “somos únicos, somos grupos e somos povos”.

Foram propostas perguntas iniciais com o objetivo de aprofundar o autoconhecimento, entre elas: o que penso de mim? De que mais gosto em mim? De que não gosto? Qual meu maior desejo?

Desse modo, antes de tudo, aprendemos a dar atenção para nós, para nossas emoções, nossos pensamentos, nossa espiritualidade e nosso corpo físico, para então cuidar de outras pessoas de forma integral.

Durante o curso, além da busca da saúde com auxílio das ervas, Rafinha aborda questões que visam o aprofundamento sobre o ser integral. “Quanto mais consciente eu fico, mais eu me curo: é o início da

cura, saber o que é, de onde veio, quem somos e o que pensamos de nós. A gente é feito de humano e de divino e eu quero ser cada vez mais humano. A cura em grupo é mais rápida do que individualmente. A evolução se dá quando se consegue ultrapassar o grupo familiar, essa é uma grande evolução do ser humano. Além dos grupos familiares e sociais tem muito mais. À medida que sai daqueles grupos e coloca mais seres dentro do coração, mais próxima do Divino está”, propôs Rafinha durante a formação.

Assim como Rafinha fala sobre se distanciar dos grupos familiares e sociais, aproximar-se de outros seres para dar mais um passo na evolução, Charão-Marques e Arce trazem em seu artigo estas orientações como um “processo de individualização, que tem como uma de suas consequências a libertação de laços e identidades estabelecidas pela família e por tradições, que não lhe dizem mais respeito e, ao individualizar-se, possibilitam a visibilização de criatividade que geram espaços para a renovação da sociedade”.

Eles entendem que “a mutualidade humana e a comunidade passam a apoiar-se na coletividade da individualização recíproca e não mais em tradições solidamente estabelecidas, [...] mostra que a família e a classe não são as únicas unidades que organizam a sociedade; os indivíduos se libertam de laços e identidades – tradição –, o que pode conduzir a novas coletividades”.

O trabalho das Farmacinhas nos meios rurais acabou por preencher uma lacuna na saúde pública durante os anos 2000, quando o SUS ainda não tinha a estrutura

de hoje. Os moradores e moradoras das comunidades onde haviam sido criadas Farmacinhas pelo *Plantando Saúde* no Rio Grande do Sul não inchavam mais os postos de saúde, pois tinham acesso a tratamentos que contemplavam suas necessidades. Isso motivou preocupações entre os profissionais do sistema oficial de saúde na época.

Elci, então coordenadora do programa, foi convidada a falar aos alunos do último ano do curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), a fim de elucidar o que estava acontecendo. Ela ficou preocupada com o convite, entendendo que iria “enfrentar médicos, pessoas que não entendem a maneira da gente trabalhar”.

Enquanto esperava sua hora de entrar no auditório, um senhor se aproximou. “Eles não sabem nada do que você vai dizer, não sabem nada de plantas, vai lá e conte o que sabe, do seu jeito”, lhe falou ele. Elci então ficou mais confiante para se apresentar ao público. Ao abrirem a porta do auditório, ela se virou para agradecer àquele senhor. Para sua surpresa, não havia ninguém lá. “Não era ‘real’”, diz ela.

E com essa aparição as coisas se tornaram diferentes. “Eu entrei e falei, larguei a pastinha, o PowerPoint, e falei do meu jeito. Tinha quinhentas e poucas pessoas que me aplaudiram de pé. Simplesmente falei do trabalho que eu fazia. Eles entenderam, eu não falava muito dos elixires, mas das plantas e dos cuidados. No município de Três Cachoeiras, teve época que esse questionamento era bem forte, do porquê que diminuiu a procura nos postos de saúde e por remédios. Não é uma coisa isolada, é uma coisa que abalou as estruturas. O SUS estava no início

e nós, como movimento, ajudamos a formular o SUS”, complementou.

Mas, apesar de terem ajudado a criar o sistema público de saúde nacional, Elci não se sente à vontade para atuar nele, nem mesmo por meio das Práticas Integrativas e Complementares de Saúde (PICS). “Esse mundo véio aí fora, a gente não tem vez. É muito difícil”, lamenta. Entende que a melhor estratégia é “fazer o que a gente acredita, da maneira que faz sentido, nos nossos lugares”.

Segundo explicam Conte, Martins e Daron no livro *Mulheres, resistência e luta em defesa da vida*¹³, o trabalho realizado nas Farmacinhas “desenvolvia-se sob a perspectiva de diminuir e até extinguir a dependência aos remédios químicos farmacêuticos, produzidos por grandes laboratórios, os mesmos que produzem o veneno vendido como insumo químico para agricultura”.

A luta contra os agrotóxicos deveria ser de todas as pessoas, pois tais venenos estão na maior parte dos alimentos consumidos neste país. Essa luta sempre faz parte do contexto da Farmacinha, fato que ocasionou denúncias e ameaças à Rafinha.

Nas comunidades rurais é comum as pessoas adoecerem e morrerem em consequência dos conhecidos “aditivos químicos” utilizados na agricultura convencional. Em Maquiné não é diferente. Inclusive, a companheira Iraci Boff, que foi homenageada dando o segundo nome à Farmacinha, sucumbiu ao câncer por causa dos agrotóxicos. Rafinha conta no manual, que, antes de partir, Iraci pediu: “Rafinha, procura combater os agrotóxicos, já que eu não posso mais fazê-lo”.



Iraci Boff está à frente, abraçada às companheiras Preta e Cecília durante uma caminhada até o rio próximo à Farmacinha - 1994.
Foto do acervo da Farmacinha

Desde o nascimento da Farmacinha Comunitária, percebeu-se que a maior parte das doenças (e mortes) eram por causa dos agrotóxicos, sendo que Rafinha estima que de cada dez pessoas que buscavam tratamentos, nove eram por contaminação.

“Os agrotóxicos estavam matando as pessoas. Ainda era uma linguagem estranha quando tocava no assunto, perguntando se eles usavam ou comiam alimentos contaminados, era comum mostrarem estranheza. Percebi que os agricultores, nem de leve, se davam conta do terrível inimigo que convivia com eles, dia e noite”, enfatizou Rafinha no manual.

Segundo a Organização de Luta Contra os Agrotóxicos e em Defesa da Vida¹⁴, as doenças causadas pelos

agrotóxicos na saúde são chamadas de intoxicações, que estão divididas em dois tipos: crônicas e agudas. As agudas são perceptíveis nas primeiras 24 ou 48 horas após o contato direto, são mais visíveis e mais facilmente relacionadas aos agrotóxicos. Os sintomas mais comuns envolvem espasmos musculares, alterações respiratórias, náuseas, vômitos, desmaios, convulsões, fraqueza, cólicas abdominais, vertigens, tremores musculares, cefaleia (dor de cabeça), hipertermia, conjuntivites, dermatites, alergias de contato e outros.

Já as intoxicações crônicas são aquelas cujos efeitos aparecem depois de um longo período de exposição, inclusive em outras gerações. Estas são mais difíceis de serem relacionadas aos agrotóxicos. Seus sintomas envolvem efeitos neurotóxicos, alterações cromossômicas, lesões hepáticas, arritmias, lesões renais, neuropatias periféricas, asma, alergias, doença de Parkinson, cânceres, teratogenia, fibrose pulmonar e distúrbios hormonais (hormônios da tireoide e sexuais). Estes efeitos são causados pelo contato rotineiro com os produtos agrotóxicos, seja através do uso (aplicação e manuseio) ou pela ingestão de alimentos contaminados.

A necessidade de reverter essa realidade fez nascer na Farmacinha, no final de 1993, os primeiros remédios para diminuir os efeitos do veneno. A prioridade era depurar o sangue. Com base na bula do Elixir de Salsaparrilha, de frei Homero, saiu o primeiro elixir da Farmacinha. Chamaram-no de Elixir Depurativo e, à antiga fórmula, acrescentaram a tintura de angico (*Anadenanthera columbrina*).

Depois continuaram a fazer outros. Rafinha explicou que a criação dos elixires foi pelas necessidades

que se apresentavam. “Sempre com muito estudo, aprofundamento, experiência e radiestesia, estes quatro pontos nós tivemos juntos para fazer os elixires”, explica. Hoje em dia, são utilizadas cerca de 110 plantas para diferentes tratamentos.

Frei Homero era Faustino Bordignon, fitoterapeuta e amigo de longa data de Rafinha, quem a incentivou a produzir as tinturas e depois os elixires. Rafinha o conheceu em 1963, quando ainda noviça foi levada pela Madre ao local onde ele atendia, num salão embaixo de uma igreja no bairro Glória, em Porto Alegre. Ele também era estudante de teologia e da ordem dos Capuchinhos, e por isso era chamado de frei. Rafinha ainda era Lurdes Maria e sofria com fortes dores de cabeça.

“Lá tinha esse rapazinho que tinha a minha idade, vestido de franciscano, mexendo um panelão no fogo, cheio de chás. E quando a Madre me apresentou, sem eu falar nada, ele olhou pra mim e disse: ‘tua dor de cabeça vai passar’. E disse à Madre, ‘ensina ela plantar umas rosas, ela precisa plantar flores, que a dor de cabeça passa’. Eu nunca tinha plantado nada ainda. Ele também disse: ‘leva esse chá aqui, vai curar teus rins, teu rim não tá bem’. Eu me curei, nunca mais tive dor de cabeça”, contou.

Rafinha passou a se tratar com ele sempre que tinha algum problema de saúde, e viraram grandes amigos. Explicou que ele tinha um dom: quando olhava para alguém doente, mesmo se a pessoa nada lhe dissesse, ele afirmava o que ela tinha, buscava as plantas que a ajudariam e as pessoas eram curadas.

Por conta desse dom, o arcebispo o fez ter de escolher entre ordenar-se ou seguir com seu trabalho de cura. Ao

perguntar ao seu confessor, este o aconselhou a continuar cuidando da saúde do povo, “porque padre tem bastante”.

Frei Homero se tornou um grande fitoterapeuta. Com ajuda de outras pessoas criou o laboratório Cibecol, em Porto Alegre, no ano de 1970. Em 2008, foi decretada sua falência. Como relatou Rafinha em 2021, frei Homero morreu de tristeza porque a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) fechou o laboratório. “Um ser maravilhoso, que era meu único médico”, emocionou-se.

Em sua dissertação, Adriana Samper Erice comenta sobre esses processos de repressão ao trabalho das Farmacinhas. Ela observa que “ainda que os fitoterápicos sejam reconhecidos pelo Estado brasileiro e que haja recomendação de seu uso no SUS, na prática, estes saberes são condenados”.

De acordo com a pesquisadora, “o resultado desta prática de governo e das políticas públicas implementadas é a desmobilização em torno destes saberes e das pessoas que detêm estes saberes-fazer, pois seus conhecimentos ficam apropriados por instâncias que tentam padronizar e controlar estas práticas em prol de um ‘bom-fazer’, da higiene e da saúde públicas”.

Já a medicina popular resiste política e culturalmente à medicina acadêmica. Ela é uma opção, uma forma de vida e de cura, conforme cita a cartilha do *Plantando Saúde*.

Para muitas pessoas, destacadamente as mulheres, as plantas fazem parte da vida, da rotina, contribuindo para cuidados da saúde física, mental, emocional e espiritual. Algumas trazem essa relação desde a infância

e do ambiente familiar, outras aprenderam depois, ou resgataram o conhecimento de suas ancestrais.

As *bruxinhas de Deus* das Farmacinhas receberam essa identidade quando Rafinha formava mais um grupo de mulheres na Amazônia em 1995. A convite de seu amigo padre Chiquinho (Francisco Denzen), este trabalho ocorreu na paróquia, junto à Pastoral da Saúde. Quando as mulheres foram à igreja, foi padre Francisco quem as apresentou como “bruxas de Deus”.

“Eu senti uma alegria! Achei muito bonito, porque pensei que poderíamos resgatar um pouco da história das bruxas, toda a tortura, tudo o que aconteceu com as mulheres desde a Idade Média. Então, enviei uma mensagem para a coordenação do MMTR, dizendo: ‘Companheiras, temos um nome! *Bruxas de Deus a serviço da vida*. O que vocês acham?’ E elas adoraram a ideia”, descreveu Rafinha em entrevista para Adriana.

Foi a Igreja Católica – unida ao Estado – a principal responsável pela tortura, expropriação de bens e assassinato de centenas de milhares de mulheres acusadas de serem bruxas na Europa, durante o século XV ao XVII, e também ao redor do mundo. Mesmo agora, passado o segundo milênio, continua o estereótipo negativo da bruxa.

Se compararmos o conjunto de ações das mulheres das Farmacinhas – as reflexões, mudanças em prol de sua autonomia pessoal e física, as práticas de cura por meio do uso de plantas – com as atividades com que foram acusadas as mulheres durante a Inquisição, veremos que existe uma grande semelhança entre elas, mulheres e suas ações. No entanto, muitas Farmacinhas foram

criadas a partir da mediação de igrejas ligadas à Teologia da Libertação, e as bruxas então aceitas nesta concepção.

As *Bruxinhas de Deus* foram homenageadas com um hino, criado por Rafinha num momento místico. Em uma das viagens de Maquiné a Três Cachoeiras para formação mensal de 80 mulheres, dona Maria ia na garupa da moto de Rafinha. O veículo não estava muito bem e chovia muito. Elas caíram duas vezes na BR 101. Antes de caírem a terceira, ficaram em silêncio em oração – e dali surgiu o hino das Bruxinhas de Deus.

“Chuva, chuva, chuva. Quando cheguei lá, toda molhada ainda, eu peguei o quadro negro e coloquei as três estrofes, nunca mais foi trocada uma letra”, relata Rafinha. Na Amazônia foram criados passos de dança, cada um com seu significado, tornando-se um “hino dançado”.

HINO DAS BRUXINHAS

*É nas matas e na floresta
Que a bruxinha encontra a erva pra curar*

*É o amor quem revela a arte
De usar a erva e a transformar*

*É em grupo com as companheiras
Que a bruxinha aprende o jeito de curar*

*É o amor quem revela a arte
De usar a erva e a transformar*

*A ternura que a bruxinha espalha
É o grande tempero da sua missão*

*É o amor quem revela a arte
De usar a erva e a transformar*

POSFÁCIO

Com muita gratidão e alegria aceitei o convite para compor a equipe do projeto Frascos de Memória e escrever o livro sobre a Farmacinha Comunitária. Ao mesmo tempo, sabia da responsabilidade em honrar através da escrita a história das mulheres que construíram tal legado, e daquelas que a vivenciam e dela se nutrem.

Busquei apresentar estas histórias com fidelidade, abordando-as com a delicadeza e a rusticidade que elas pedem. Afinal de contas, são histórias de mulheres vivendo em uma zona rural e remota, com a floresta Atlântica em seu aspecto selvagem semipreservado, com desafios cotidianos que somente um lugar com a geografia e a extensão territorial de Maquiné possui.

O que eu não tinha a real dimensão era sobre o manancial de emoções que estavam entrelaçadas à pesquisa e que vieram à tona na escrita. Devo aqui explicar para leigos que no contexto de todas as mulheres estão presentes, desde o seu nascimento, perspectivas de vida formatada por um sistema que nos coloca num lugar subjugado. E falar sobre isso foi também banalizado pelo sistema vigente, visto que, somente em escrever estas palavras já me sinto incoerente, como se fosse coisa inventada pelo “imaginário feminista”. Mas, quando se escuta as histórias de mulheres, se entende que esse sentimento é real, e o porquê dele ser banalizado.

É real porque todas as mulheres, em algum momento de sua vida, passaram por alguma situação – crítica, ou não – em que sua existência tenha sido violada, simplesmente por ser mulher. E estou falando apenas da perspectiva de uma

mulher branca e privilegiada, sem ter a dimensão do que passam as mulheres pretas, indígenas e marginalizadas.

Em segundo lugar, é banalizado para que percamos a força da transformação. Essa força que deveria ser ativada diariamente, a cada lugar e a cada momento em que algo ocorre para que uma mulher seja submetida à condição que o sistema formou para ela e que, na maior parte das vezes, é uma condição normalizada. Mas estar sempre em luta dói e cansa, e temos tantas outras coisas para dar conta e pensar, não é mesmo?

No entanto, ao me envolver nesta escrita, pude reafirmar sobre o porquê da necessidade que há no feminismo em estar sempre resistindo e (re)existindo. Ela existe por causa da onipresença do capitalismo que é moldado no patriarcado.

E na Farmacinha, mulheres resistem quando preparam medicinas com ervas, conversam, estudam e se tratam com ternura. Elas estão buscando libertação, primeiro da potência farmacêutica, esta mesma que comprime corpos, mata a terra, envenena a água, produz comida-veneno e em seguida lucra novamente com medicamentos feitos para gerar sempre mais clientes.

Nesse sentido, penso que a Farmacinha se tornou um lugar de autoconhecimento, resistência e fortalecimento de mulheres que, com o apoio do reino vegetal, desconstroem o modus operante dos sistemas, cultivando um modo de vida orgânico com base na espiritualidade e no afeto, respeitando a natureza de todas as coisas. E por isso sua história merece ser contada.

Anaiara Ventura



SOBRE A AUTORA **Anaiara Ventura**

nasceu em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, no ano de 1976. Filha de Elecy e Antônio, neta de Mathilda, Acrycio, Juventina e Dorvalino. Mãe de Ana, tornou-se jornalista diplomada com bolsa de estudos e, em 2014, migrou com seu companheiro para uma região de Mata Atlântica no município rural de Maquiné. Nesse mesmo ano, conheceu a Farmacinha e dona Maria em um curso com Rafinha. Participou de outras formações ministradas por ela e das quartas-feiras de trabalho entre os anos de 2021 e 2023. Adentrando mais à floresta, trouxe ao mundo Francisco e Maya e passa a atender como terapeuta holística. Esta é sua primeira experiência como escritora de um “livro inteiro”, tendo antes escrito muitos “releases” para a imprensa, artigos acadêmicos, capítulos de livros técnicos, poesias e crônicas.



SOBRE A FOTÓGRAFA **Mirella Ramos Rabaioli**

experimenta novas formas de bem viver: com mais autonomia, responsabilidade social e ambiental, sentindo na pele as mudanças das estações.

Gosta de levantar paredes de barro, fotografar pessoas, documentar histórias, brincar com a Lena e Manu e celebrar pequenos grandes momentos.

Participa da Farmacinha desde 2019 quando foi numa quarta-feira para conhecer o que era esse lugar tão falado e desde então nunca mais saiu.

Mora em Maquiné há algum tempo e não se imagina mais vivendo longe da floresta.

NOTAS E REFERÊNCIAS

Introdução

1. SIMARD, Suzanne. A árvore-mãe: Em busca da sabedoria da floresta. Ed. ZAHAR, 27 julho 2022.

1º Capítulo

2. DEZEN, Francisco G.; DUARTE, Rafael P. As pedras Clamarão: os pobres questionam o sistema e a Igreja. Editora Vozes. Petrópolis, 1980.

3. DUARTE, Lurdes Maria Prado Duarte (Rafinha). Bruxinhas de Deus: à Serviço da Vida, Maquiné-RS. Movimento de Mulheres Trabalhadora Rurais (MMTR RS), 2002.

4. ERICE, Adriana Samper. Espaço de vida, espaço de luta. Um estudo etnográfico da Farmacinha Comunitária da Solidão, em Maquiné, Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. PPGDR - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural das Faculdades de Ciência Econômicas da UFRGS. Porto Alegre, 2015.

2º Capítulo

5. Evoé. Documentário histórico sobre Zé Celso e o Teatro Oficina. Direção de Tadeu Jungle e Elaine Cesar. 110", cor, HD, 2011. Disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=ZxkCQ7Nr4yU> ou em <https://youtu.be/P6mcoxsd2o?t=1h9m5os>

6. ARRUDA, Mario Alberto Pires de; FONSECA, Tania Mara Galli. Existência enquanto re-existência em tempos de medo. Artigo. Mnemosine Vol.14, nº2, p. 206-218 (2018) Departamento de Psicologia Social e Institucional/ UERJ

7. <https://mmcbrasil.org/quem-somos-e-nossa-missao/>

8. FORMAÇÃO DE BASE – Rumo ao 2º Congresso Nacional do Movimento de Mulheres Camponesas. Cartilha. Associação Nacional de Mulheres Camponesas ANMC, 2023.

9. CHARÃO-MARQUES, Flávia; ARCE, Alberto. Bruxas e plantas: alianças, rituais e rebelião biopolítica? Desenvolv. Meio Ambiente, v. 62, p. 533-557, jul./dez. 2023. UFPR.

10. RUBIN, Jeffrey; SOLOFF, Emma Rubin: Sustentar o

ativismo – Um movimento de Mulheres Brasileiras e a colaboração entre pai e filha. Porto Alegre UFRGS Editora, PPGDR-UFRGS, 2017.

3º Capítulo

11. Moradora de Gravataí ensina a prevenir doenças com ajuda de plantas e ervas - Jornal Momento Regional - Grande Porto Alegre, Ano XXV, Nº 401, 1ª quinzena de abril/2015. Edição Comemorativa de 252 anos de Gravataí, RS. Disponível em <https://www.calameo.com/read/00395327839c3d755065c>

12. Movimento de Mulheres Camponesas – MMC. Mulheres camponesas em defesa da saúde e da vida. Cartilha. Chapecó, SC. AMTR Sul. Abril de 2008, 57 páginas. Disponível em <https://mmcbrasil.org/livros-e-cartilhas/>

13. CONTE, I.I.; MARTINS, M.D.; DARON, V.P. Movimento de Mulheres Camponesas na Luta. A constituição de uma identidade feminista, popular e camponesa IN PALUDO, Conceição (Org.). Mulheres, Resistência e Luta em defesa da Vida. São Leopoldo, CEBII, 2009.

14. Organização de Luta Contra os Agrotóxicos e em Defesa da Vida. Disponível em <https://contraosagrototoxicos.org/base-de-conhecimento/>



REALIZAÇÃO:



FINANCIAMENTO:



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO